



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

MARQUES NATAN DOS SANTOS ANDRADE

**“A GENTE FICA MORDIDO, NÃO FICA?”
RAIVA, CORPO E LÍNGUA EM CRÔNICAS PARA UMA PESQUISA
(EN)GENDRADA**

**São Cristóvão – SE
Agosto/2024**

MARQUES NATAN DOS SANTOS ANDRADE

**“A GENTE FICA MORDIDO, NÃO FICA?”
RAIVA, CORPO E LÍNGUA EM CRÔNICAS PARA UMA PESQUISA
(EN)GENDRADA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Sergipe, como requisito à obtenção do título de mestre em Psicologia sob orientação da Profa. Dra. Michele de Freitas Faria de Vasconcelos.

São Cristóvão – SE

Agosto/2024

MARQUES NATAN DOS SANTOS ANDRADE

**“A GENTE FICA MORDIDO, NÃO FICA?”
RAIVA, CORPO E LÍNGUA EM CRÔNICAS PARA UMA PESQUISA
(EN)GENDRADA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Sergipe, como requisito à obtenção do título de mestre em Psicologia.

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Michele de Freitas Faria de Vasconcelos (orientadora)

Prof. Dr. Marcelo de Almeida Ferreri (PPGPSI/UFS)

Profa. Dra. Leda Mendes Pinheiro Gimbo (UFG)

Profa. Dra. Gislei Domingas Romanzini Lazzarotto (UFS/UFGRS)

PRELÚDIO

descobri um corpo.
esses dias,
achei de experimentar a lira
– assim que escreve, lira? –
você é esperto, já captou o que estou falando
aquele treco mexeu comigo
como quem 3mb^arLh* as cartas de um jogo

segura aí. tem mais.
sabe qual o primeiro passo para
subir naquele negócio?
a *agressão*. você não vai acreditar,

recuei,

calculei demais e não consegui
estava com medo
até que me disseram o que precisava ser feito,
me ajudaram a nomear,
aí tudo fez sentido! (companhia, não quero estar só)
disseram mais ou menos assim:
“- *segure com firmeza, tome impulso e faça uma agressão*”.

todas as fichas começaram a

cair

e eu acho que é aí que você entra
essa coisa de sentir **raiva**, dimensionar a força,
fazer uma denúncia, partir para *agressão*,
tudo isso vem de você
agredir:
força de alto impacto direcionada a algo que precisa de destruição
como quem derruba uma casa velha pra fazer um outro uso do terreno
corpo é território

outro dia, um garoto me disse
que isso poderia ser uma **questão de vida**
e é! o que a gente mais quer é viver

parece que você seleciona a dedo o que não é ~~recomendado~~
não nos recomendam!!!

não podem nos dizer o que temos que fazer, eles não
só os nossos (não estamos sozinhos, lembra?)

você tem medo dessas coisas, eu sei)
advogamos um pelo outro

eu vou cuidar de você

porque

você

sou eu

RESUMO

Uma cena-manifesto abre espaço para a criação de uma trama conceitual-metodológica que tensiona a ‘natureza’ das práticas ‘psi’ em suas perspectivas individualizantes, as quais participam da privatização e do governo das emoções, submetendo-as à questão psicológica/individual. Em direção à problematização das noções/explicações (incorporadas) de raiva como comportamento, sentimento, emoção psicológica ou questão bioquímica, esta pesquisa constrói indagações acerca de discursividades que versam sobre a raiva e modulam a forma como a experimentamos. Escrever sobre/com/por raiva, por si só, já é trair o que nos ensinaram e como nos constituímos; já é diferir de si numa aposta de fazer contato com isso que foi ou deveria ser rejeitado, excluído, contido, embotado. Para dar corpo e língua à raiva, a aposta estético-política foi a escrita de crônicas, que possibilitou expressar-pensar-cartografar a raiva tomada como emoção vital, uma afecção que nos tira de nós mesmos. Acrescenta-se, a esse percurso, mais ingredientes: a cena-manifesto e a raiva explodem configurações de si gendradas. E se a raiva pudesse ser a força na nossa indignação/indagação, o verme que perturbaria espaços pacificados, o monstro em nossos corpos generificados, individualizados, humanizados? E se esse afecto nos fizesse não mais sustentar o estado atual de coisas? Pode a raiva ser esse ponto de tensão, de virada e de possibilidade de outrar-se? Sua condição vital consiste, justamente, no perigo de contaminação por germes de mundos outros, por movimentos de deriva subjetiva.

Palavras-chave: Raiva; Emoção Vital; Política; Cartografia; Crônicas.

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| 1. ESCREVO UMA CARTA COMO QUEM MONTA UMA CASA DE MARIMBONDO..... | 8 |
| 2. PANORAMA: DAS COISAS QUE TRANSVERSALIZAM | 10 |
| 2.1. Depósito de material de limpeza ou Universidade, ao seu dispor | 10 |
| 2.2. Narrativas para germinar uma cartografia-veada..... | 15 |
| 3. IMAGINAR E ESTRANHAR UMA TRAMA RAIVOSA DE PESQUISA..... | 25 |
| 3.1. Na trama, juntas | 25 |
| 4. TRAMAS DA RAIVA..... | 34 |
| 4.1. “Quem tem direito de sentir raiva?” | 39 |
| 4.2. Abraço na raiva dos outros é refresco | 44 |
| 4.3. Soco, soco, vira, vira | 50 |
| 5. A QUEDA, CORDA BAMBÁ OU... AS LINHAS QUE NOS (TRANS)FORMAM | 53 |
| REFERÊNCIAS | 666 |

Figura 1 – “Sussurro” de Céu Isatto



Fonte: www.ceuisatto.com

1. ESCREVO UMA CARTA COMO QUEM MONTA UMA CASA DE MARIMBONDO

Remetente híbrido: *bixa*, *viado*, marimbondo, criança da bala.

Destinatário: a dissertação, a casa.

Caneta e papel na mão, cachorro no colo. Desenhos e linhas imagéticas, conforto possível para uma escrita indigesta. ‘Às vezes, a tristeza é tão íntima e folgada que sai andando pela casa e manda mais que a gente’¹. Mas ela não perde por esperar, não demora muito até encontrar outra inquilina – que mede 1,79, tem 65 kg, é relativamente grande e carece de organização. Raiva e tristeza encontram-se: a encruzilhada está montada. Falar de raiva para marimbondo ouvir. Esta carta é, ao mesmo tempo, rota e fuga. Dia desses, recebi um bilhete que dizia mais ou menos assim: – ‘Há algo no que estamos fazendo que não pode ainda ser apreendido nem por nós mesmos, nem pelas gentes e coisas que nos cercam. Nós ouvimos os sussurros e nos dedicamos a montar e desmontar o quebra-cabeça. Nós entendemos o recado e sabemos que vamos testemunhar uma época brutal, mas quais épocas não foram brutais conosco?’².

A *cartografia* consegue fazer o registro da ‘*coragem da verdade*’ (Foucault, 2014) se cagando de medo? Escrevo uma carta, anuncio uma dissertação como quem cuida de si.

Não é fácil, você me bagunça! Semana passada me perguntaram por você, nem sei dizer como fica este corpo diante disso. Não foi a primeira vez, mas talvez tenha sido a mais embaraçosa. No restaurante, antes da comida chegar, me convidaram a dizer de você. É difícil porque, quando se trata de você, todos têm seus a priori e, muitas vezes, lhe levam para outro lugar, e o que quero é – justamente – apresentar-lhe (sempre) de outra forma, desterritorializar, criar linhas de análise para abrir formas, deslocar as coisas, criar peças para o quebra-cabeça. Perguntaram se eu poderia falar de você de um jeito simples. Eu disse que sim e, prontamente, me perdi na complexidade das suas camadas. Comi quase nada, a comida estava deliciosa, pagaram a conta! Por que você mexe até com as minhas entranhas? Fiquei com vergonha do que falei sobre você, acho que lhe apresentei mal (se, pelo menos, tivesse lhe apresentado como “má”, eles entenderiam). Fiquei triste e frustrado – sabe?! – às vezes, eu queria lhe dominar,

¹ Emerim (2024).

² Mombaça (2021, p.114).

mas você sempre dá um jeito de escapar. Você não é previsível. Raiva! Nunca saio ileso. Você é mesmo uma questão. Uma questão-de-vida.

Atravessado, escolhi fazer uma carta para você, Casa. Não à toa, falei em cuidado agora há pouco. Encontrei nas casas o que precisava. Monto casas como quem faz alianças. Cartografar o território para entender os atravessamentos, as singularizações e as disputas que o compõem. É preciso estar armado? Por que alguns embates e confrontos me deixam com apetite e disposto a lutar, enquanto outros minam, apequenam e entristecem? O que eu ainda não aprendi sobre os vetores dessas forças? Qual é a capacidade de violência que o meu corpo pode aguentar? Quando só, quando em companhia. Sei que você vai devolver a pergunta e falar que é importante pensar mais sobre isso. De qualquer modo, obrigado por (r)existir. Para conhecer o *viadinho*, o *marimbondo* ou a *criança bala*, aguarde a próxima remessa.

2. PANORAMA: DAS COISAS QUE TRANSVERSALIZAM

Uma cena-manifesto pode dar início a um movimento de pesquisa?

O primeiro contato com o problema de pesquisa desta dissertação se deu antes mesmo da seleção para entrar no referido programa. Destaco aqui, nas primeiras páginas, dois encontros que me transversalizaram, de forma que não passaram por mim, ainda estão aqui de algum modo. Um, na escola; outro, na universidade. O que esses lugares têm em comum? Ambos contam de como a raiva vai aparecendo e compondo corpo, vida. Ambos contam do quanto a raiva vai sendo, de algum modo, ou talvez de muitos modos, psicologizada, pedagogizada, culpabilizada. Afinal, é preciso produzir humanos economicamente produtivos, politicamente dóceis, almas-empresa resignadas a administrar, cotidianamente, suas emoções.

2.1. Depósito de material de limpeza ou Universidade, ao seu dispor

O ano é 2019. Depois de passar quase seis anos frequentando esse lugar, chegou o tempo de compartilhar a pesquisa com a banca de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso. Escolhi falar sobre gênero e educação. Não pude deixar de aproveitar a era das *fake news* para tensionar os conceitos e as distorções que circulavam a respeito do tema. Durante a apresentação, noto olhares curiosos — em particular, os olhares da primeira fila, a *banca*. O que poderiam querer dizer? Tento traduzir e falho miseravelmente. Chegou a hora de ouvir as considerações: as professoras teceram comentários sobre o texto, sugeriram ajustes aqui e ali e encerraram a fala entregando a cópia do trabalho com as marcações. O professor, um homem branco, cis-hetero³, sem o texto em mãos, inicia a fala apontando que acabou de ver *um pesquisador-militante falando de um assunto-atravesado (sic)*. Mas como se produz um corpo sem porosidade, que não permite se atravessar? Ou pesquisador não teria corpo, precisaria abdicar dele? De que

³ Palavra composta pelo prefixo ‘cis’ (cigênero) e radical ‘hetero’ (heterossexual). A primeira refere-se às pessoas cingêneras, “aquelas que se identificam com o gênero atribuído no nascimento. A cingnormatividade é um arranjo de atribuições culturais, entendido como pré-discursivo, binário e estável, que anormaliza e inferioriza as diversidades de gênero”; a segunda diz respeito às “pessoas heterossexuais, “aquelas que se atraem pelo ‘outro’ sexo, comumente entendido como ‘oposto’ ao seu. A heteronormatividade consiste em um conjunto de instituições, estruturas e formas de pensar que tornam a vida heterossexual coerente e privilegiada”. “Cisheteronormatividade é como se fala sobre o entrelaçamento entre esses dois ideais regulatórios, compreendendo dimensões que vão além do intrapsíquico, abordando relações de parentesco, designações compulsórias e sanções sociais” (Antra, 2023, p. 8).

matérias é feito um corpo pesquisador, o que dele seria preciso limpar? Para ser pesquisador é preciso abdicar de ser afetado pelas forças moventes do mundo, se furtar aos encontros?

O professor segue com sua fala-acidente (daquelas que todos param para ver), inferindo que aquilo não deveria acontecer na academia. Sugere que haja um distanciamento entre o objeto e o pesquisador. Sem oportunidade de contra-argumentar, o protocolo aqui faz morada. Corpo quente, raiva e coração acelerados, sentados comigo numa cadeira para assistir à próxima apresentação.

Contenção? Um pesquisador enquadrado, um assunto atravessado, um modo de pesquisar que demanda, ainda, e mais uma vez, distanciamento, como se pesquisadores fossem isentos de implicações, como se conhecimento não tivesse a ver com criação, nem, muito menos, com política. Mas, como se produz um corpo militante? De onde surge esse adjetivo? O que significaria adjetivar alguém que defende um modo de pesquisa e uma problemática de estudo com argumentos contrários ao seu como militante?

Uma dinâmica institucional está sendo desenhada e reiterada. Parecia que, como pesquisador, não caberia “nada além de registrar de uma forma passiva e transparente o seu funcionamento” (Oliveira, 2014, p. 286). O funcionamento de um mundo já dado, ‘natural’. Psicologia asséptica, a prescrição estava feita. Sou estranho, indigesto, duvidoso. Esta pesquisa não se validaria. E o que isso significa? Quero fugir, igual a um veado (*viado* que sou), desse selo de qualidade.

Não faço esforço algum aqui para investir em uma binaridade com intuito de separar pesquisador de objeto. Faço apostas, perco o fôlego, não saio ileso, corpo marcado. “O que estou chamando de marca são exatamente estes estados inéditos que se produzem em nosso corpo, a partir das composições que vamos vivendo. Cada um destes estados constitui uma diferença que instaura uma abertura para a criação de um novo corpo” (Rolnik, 1993, p. 2). Não faço parte da torcida que deseja chegar ao objetivo apequenando a realidade, *a priori*, à ideia de um mundo dado que cabe em hipóteses e definições previamente estabelecidas. Ao contrário, a ideia é ampliar a realidade, torcendo-a, tensionando-a, desdobrando-a. Como alerta Nietzsche (2001, p. 16):

Não somos rãs pensadoras, aparelhos de objetivar e registrar, de entranhas congeladas; temos de parir constantemente nossos pensamentos na nossa dor e dar-lhe maternalmente todo o nosso sangue, coração, fogo, alegria, paixão, tormento, consciência, destino e fatalidade que existe em nós. Viver é para nós transformar em luz e flama tudo aquilo que somos e também tudo aquilo que nos atinge; não podemos agir de outra maneira.

Deixando as entranhas congeladas de lado e assumindo o corpo-quente-vivo, chego à pesquisa-intervenção. Um fazer que suspende a dicotomia entre pesquisador e objeto, uma pesquisa que aciona — que coloca em ação — os próprios ‘atravessamentos’ criticados pelo professor, ao tomá-los como campo fértil de produção de conhecimento. A ideia é operar por meio de uma política de composição que consiste em assumir uma posição de resistência anti-hegemônica por meio da criação de um corpo político e, porque tal, coletivo (Souto, 2020). Um corpo ungido de raiva e de dor, que tem sua força na fabulação de mundos e de povo, pelo agenciamento em devires minoritários⁴ (Deleuze, 1992). Um corpo atravessado “por um militantismo em devir, que é o avesso de um militarismo” (Ribas, 2019, p. 21), “pesquisa militante de nossas próprias vidas” (Ibidem), pois, sim, “é preciso pesquisar a si. Colocar a si na linha de reinvenção” (Ribas, 2019, p. 20). E isso não seria acadêmico?

Ao analisar a questão de parir pensamentos na dor, deparei-me com a seguinte indagação: *o quanto de violência meu corpo pode aguentar?*⁵ Parece prudente atentar para isso. Assim, como Clarice Lispector em *Um sopro de vida*:

Tenho medo de escrever. É tão perigoso. Quem tentou, sabe. Perigo de mexer no que está oculto — e o mundo não está à tona, está oculto em suas raízes submersas em profundidades do mar. Para escrever tenho que me colocar no vazio. Neste vazio é que existo intuitivamente. Mas é um vazio terrivelmente perigoso: dele arranco sangue. Sou um escritor que tem medo da cilada das palavras: as palavras que digo escondem outras — quais? talvez as diga. Escrever é uma pedra lançada no poço fundo. (Lispector, 1978, p.6)

Tenho medo, o corpo estremece — não em um recuo, mas, justamente, por ousar o oposto — e os lembretes⁶ chegam a todo instante, haja vista o contexto no qual estou inserido. O país é o Brasil e o ano é 2022. De qualquer modo, não tenho pretensão de escondê-lo. Prefiro a ardência e o calor da raiva, da última vez que senti um tremor diante de um absurdo como esse — sensação descabida frente àquela situação — achei que era a morte chegando, cadáver não sente raiva. Sinto raiva, como quem diz (e grita!): estou vivo!

Por aqui, o que qualifica a discussão é uma ‘psicologia suja’ (Favero, 2022), impura, fronteiriça, afeita à força das histórias miúdas, aos restos de uma formação e de uma pesquisa,

⁴ “O devir minoritário trata-se de produzir diferença pela resistência, imbuído de um devir animal que traça linhas de fuga em favor das intensidades, nunca pela imitação, mas pela tomada, pela captura dos afetos imanentes” (Nobrega, 2019, p. 221).

⁵ Questão levantada pela Prof^a Sandra Oliveira durante o meu estágio docência na UFS (Universidade Federal de Sergipe) em 2022 na disciplina Psicologia Social II.

⁶ Questões políticas do Brasil, Governo Bolsonaro, destituição de direitos, Eleição de 2022.

aos afectos (embotados) que pedem passagem; é um modo de expressão que não seja o da fabricação de um indivíduo (raivoso), mas de um corpo como composição heterogenética, um corpo de pesquisa, corpo coletivo. Sem perceber, inventava outros métodos e novas regras. Invenção essa que não desconsidera a política dos ofícios da educação e da psicologia.

Diariamente deparamo-nos com esse modo dicotômico de caracterizar estas práticas. [...] a política, vista como militante, vinculada a partidos e/ou organizações onde o coletivo é exaltado como uma essência. Mas, de que coletivo e de que política falamos? O coletivo, usualmente tratado, não diz respeito às forças, mas a um conjunto de formas numericamente considerados. Ou seja, o problema se coloca exatamente aí, neste modo de pensar que distingue, separa e exclui as forças de produção que engendram o produto. (Abreu; Coimbra, 2018, p. 95)

Mas, como sujar essa psicologia e essa academia tão branquinhas, puras e puritanas? Como me sujar mesmo que minha pele continue sempre sendo branca? Não demorou muito, logo depois, a raiva abriu espaço para novas possibilidades. Encontro com a cartografia como ética que inspira caminhos de pesquisa, enfatizando a possibilidade desta mistura acontecer: “Cartografar também é uma operação de traçar linhas de fuga nos territórios, de [...] indicar vazamentos diante das forças que tentam direcionar os acontecimentos” (Oliveira, 2014, p. 286) e de identificar as rachaduras do pensamento. “A cartografia pareceu-me um meio possível de desatar esse novelo” (Oliveira, 2014, p. 284). Quero uma pesquisa que “cheira à vida, como ela se torna e pode se tornar” (Oliveira, 2014, p. 301).

2.2. Narrativas para germinar uma cartografia-veada

Pedir um lápis na secretaria foi o acidente que fez com que nos encontrássemos

O balcão

Na secretaria da escola, o trabalho era burocrático. O que se tinha de fazer era previsível. Imprimir provas de acordo com o calendário letivo, abrir chamado para manutenção de alguma coisa que estava sempre se quebrando, diagramar os diários, ser simpático e receber as pessoas que chegavam ao balcão de atendimentos com um sorriso estampado na cara, mesmo que estivessem querendo qualquer absurdo. Era necessário ser cordial. Toda essa previsibilidade foi ao fim no encontro com João (nome fictício), oito anos de idade, matriculado em uma escola na qual eu trabalhava. Tinha um balcão grande de mármore, mais alto do que qualquer criança, as pias também. Para lavar as mãos no refeitório, era necessário alongar o corpo miúdo e ficar na ponta dos pés, uma vez que a cuba da pia ficava na altura dos olhos. Ver o mundo por meio do olhar de uma criança é algo realmente muito curioso. Alguém poderia fazer uma tese sobre isso. Ou uma denúncia. Ou uma crônica. Balcão de atendimento que separa quem atende de quem está sendo atendido. Como se fizesse parte do projeto, um *design* ou arquitetura que, em uma escola infantil, anunciasse quais lugares são de adultos e quais os de crianças. João ignorava essas formas de gente-grande. Ele não respeitava o balcão, nem as normas estabelecidas ali, as atravessava. Como quem sabe o que quer e vai em busca. O garoto tem uma queda por burocracia. Passava esguio pelas barreiras. Para falar com alguém dali, ia até a mesa da pessoa, não pedia do balcão. Um lugar sério e burocrático, que a gente sabe que não pode acessar. Quem sai acessando qualquer lugar quando vai ao banco? Ele enxergava algo interessante naquele espaço, insistente. Insistente em manter vínculo, em ter contato, em fazer parte da vida do outro. Já os adultos, estes tinham seus *designs* e arquiteturas que pareciam só querer separar, dividir, restringir. O balcão grande, as salas divididas em séries, lugares sérios e lugares de brincadeira. João aparecia muito por lá, pedindo lápis ou qualquer material. A partir daí, a gente começou a conversar, a criar uma relação. Os adultos perceberam, comecei a dar pitaco nas coisas, falar com a coordenação pedagógica e professoras. No meio disso tudo, me convidaram para ocupar esse lugar e eu aceitei. Saí da secretaria e fui para a sala de aula. Assim como na cartografia, no acompanhamento terapêutico, a gente não prevê o que vai acontecer.

Quais são as conexões entre o fazer do cartógrafo e do acompanhante?⁷ Cartografar significa acompanhar processos, pessoas, paisagens. Estar disponível para estar lado a lado com o que há e com o que pode surgir.

O pum!

Ele criava suas arbitrariedades. “Vou ali soltar um gás!” – era o que dizia para sair da sala. O danado sabia que não seria impedido de fazer isso. Não ia dizer para fazer depois, nem dizer faça aqui do meu lado. Por muito tempo, achei que ele estava indo realmente soltar pum. As saídas se tornavam cada vez mais frequentes e demoradas. Saí da sala com intenção de encontrá-lo no corredor, não o achei. Quadra, horta, na cozinha pedindo sementes para a próxima traquinagem, jardim, também não. Fugiu? Quando fui ver, estava na coordenação, mexendo nas coisas da mesa, bisbilhotando os armários, furando papel. “Então é aqui que você peida?”. Ele ria. Assim, a gente saía de lá. Por que ele se interessava pela sala da coordenação e não pela dele? Que ar convidativo aquele lugar pode ter? Seriam os materiais coloridos, perfurador de papel, marca-texto que o chamavam atenção? A papelaria era dele! Diferentemente do que era oferecido em sala de aula. Havia uma pista na burocracia. Fiz uma proposta: juntar os diversos materiais daquele armário, comprar mais alguns da lista que elaboramos e fazer um ateliê na nossa sala — que poderia ser de todas as outras — mas não era. *O povo tinha medo da raiva (dele) aparecer e aprovava as coisas.* Era por meio dela que ele conseguia dignidade, mas também era punido, também era estigmatizado. Ele me despertou atenção por diversas razões. Por atravessar a burocracia e fazer outra coisa dela, pela raiva amorosamente incendiária, pela transgressão, pelo mistério e pela radicalidade.

O pão

A mãe dele comprava pão todo dia, no mesmo horário aos fins de semana, o mesmo ritual. Enquanto ela estacionava, ele saltava da moto e subia uma escada de ferro em espiral que ligava a padaria à minha casa. Quando menos esperava, tinha uma voz no portão gritando: “Tio Nataaaan!!!!”. Ele morava em um povoado próximo, e eu, bem mais perto da escola. Ele sabia onde era. Quando eu aparecia, ele não falava nada, ficava só me olhando. “Oi!” Era o que a gente dizia um para o outro com cara de bobo. Ele nunca entrava, não dava tempo. Visita rápida, era o tempo de comprar o pão. A mãe dele não gostava das visitas, de chegar na moto e ele

⁷ Ver mais em Monteiro (2023, no prelo).

ainda estar lá em cima. Ficávamos à espreita. Eu queria evitar qualquer constrangimento ou que ele fosse punido por tentar me ver, por isso evitava o máximo que ela gritasse lá de baixo: “Joããããããão!”. Quando a mãe dele apontava para fora, eu dizia: “Corre!!!”. E assim a gente aproveitava esses encontros clandestinos.

A raspadinha

Um dia, a professora que lhe deu aula no primeiro ano, entrou na nossa sala. Estávamos só eu e ele sentados à mesa bagunçada, no meio da sujeira. Ela deu de chorar quando o viu lendo as fichas. De acordo com os descritores pedagógicos, as crianças saíam do primeiro ano sabendo ler algumas palavras. Ele já estava no terceiro, sabia ler e escrever poucas coisas, o nome dele... Era o dado que aparecia sempre em seus relatórios. A professora chorou, porque, até então, ele era um ‘caso perdido’ e ali, naquele momento, finalmente estava sendo ‘alguém’, alguém que escreve e lê palavras. Mas ele sabia ler desde sempre, lia o mundo como ninguém, ele desembaraçava outros códigos. Com vocabulário rebuscado, saía espalhando seus poemas mentais pela escola afora. Fizemos uma raspadinha, que era a atividade emocionante em questão ali. Para saber do que se trata, imagine que escrevi as palavras que gostaria de trabalhar em uma cartolina. Em seguida, cobrimos as fichas com fita adesiva transparente, logo depois, ele cobriu com tinta guache preta e esperamos secar. Pronto! Agora, era só raspar com uma moeda, desvendar o código e ler a palavra. Por que ele tinha que aprender usando grafite e papel branco? Por que ele não poderia aprender brincando com as cores, descobrindo o mundo? Os mundos, em movimento. “Qual é o seu pigmento favorito?” Perguntava-me para saber que tinta usar para fazer um desenho-presente ou quando se deparava com cores exuberantes da natureza, sempre atento ao que se passava ao seu redor. “O Papa é Pop, O Papa é Pop; O Pop não poupa ninguém.” Era o que ele cantarolava pelos corredores com seu andar saltitante, sempre na ponta dos pés. Para ele, para que as coisas funcionassem, tinham de ser interessantes. Mas isso não é o básico? Colocar 40 crianças em uma sala fechada, sem circulação de ar, sem janelas, com cheiro de chulé azedo, dá certo? Ficava com raiva do que era oferecido a ele, era sempre pouco, dignidade estava sempre em jogo ou em falta.

O girassol

No fundo de cada sala, tinha um canteiro. Alguns com gramado e plantas que sobreviveram ao tempo e à aridez do local. Nosso pedaço de jardim só tinha areia batida, as crianças gostavam de brincar lá, um bando de miúdos que davam forma brincante a qualquer espaço. Peguei uma

enxada e remexi a terra. O povo passava e achava aquilo a coisa mais esquisita. Estudante de psicologia, acompanhante terapêutico, mediador, estagiário, fiscal... com enxada?

Reverter nossa própria terra e restituir-lhe o outro, como aquele que está ‘em vias de se fazer’; abrir-lhes sulcos para dar passagem à potência de germinação. [...] Sonhos-carne, insurgidos nas dobras de nossa própria pequena e estreita terra [...] Sonhos-enxada (Fonseca, 2007, p. 144).

Ninguém sabia muito bem qual era a (minha) função ali, embora estivesse reafirmando o tempo inteiro e recusando várias encomendas que chegavam de todos os lados. Deixei a terra fofa e instalei as prateleiras na parede. A gente pegava os vasos de sabão de cinco litros, cortava a boca, forrava de chita e plantava alguma coisa neles. A gente sempre fazia essas traquinagens, de plantar feijão, de inventar uma reforma na escola, de ocupar algum espaço ocioso ou caçar outras atividades fora-da-grade. Foi no fim do semestre letivo que nós plantamos e, logo depois, saímos de férias, a escola ficou sem ninguém. Quando estava perto do outro semestre iniciar, fui à escola, a semana pedagógica costumava anteceder o retorno das crianças. Passei no corredor do fundo da sala depois do almoço para ver umas coisas, tinha um movimento diferente ali, um vai-e-vem de prestadores de serviço de uma empresa terceirizada. A gente saiu e era de um jeito, quando voltamos, estava de outro. Foi aí que vi aqueles girassóis gigantes, maiores do que eu, um monte deles. Fiquei tonto, abismado, nunca tinha visto um girassol antes. A gente plantou a semente, mas não deu para acompanhar o girassol crescendo. E o que significa acompanhar o girassol crescer, né?

Trata-se da proposição de um modo de viver indissociado da própria vida [...] provocado constantemente por ela [...] podemos reconhecer estarmos mergulhados em um processo antes do que em direção a um progresso. [...] dar acolhida a essa vida em nós que, para se realizar e expandir, necessita abrir-nos fissura, por onde fará passar um novo bloco de devires. (Fonseca, 2007, p. 146)

As pessoas ali, naquele lugar, não esperavam nada dele, não viam beleza no que fazia, nem potência na sua raiva. Tudo era banal. É preciso estar próximo para cartografar. Aquela paisagem não existia ali. Este era o mais fino cultivo: a capacidade de resistir pela aposta na germinação do outro do mundo, “sem que, para tanto, nos arremessemos para fora das instituições que nos emolduram em ímpetos de abolição da vida” (Fonseca, 2007, p. 144). Deleuze e Guattari (1997) dão a pista de cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir... Aquela paisagem não existia ali, mas eu precisava me despedir dela, tinha de tirar foto rápido, porque o prédio seria pintado, uma reforma seria feita para receber uma visita importante. Toda vez que essa visita importante ia à escola, faziam uma faxina. Uma limpeza, limpavam a sujeira.

Iam limpar tudo que tinha para construir um padrão, desocupar, tipo o que a Prefeitura⁸ Municipal de Aracaju faz nas comunidades, arrancando as árvores selvagens para selar o pacto do progresso citadino. Contrataram uma terceirizada para padronizar os jardins. Os girassóis foram derrubados em nome do novo projeto em vigor para criar um elemento comum. Tirei uma foto, porque era a única forma de fazer aquela paisagem durar. Mas eram vários, uma composição, lamento só ter fotografado um deles. Eu acho que ele nem chegou a ver, derrubaram antes. Na volta às aulas, a escola estava diferente. Escola ou depósito de material de limpeza, ao seu dispor.

Figura 2 – Girassol



Fonte: Arquivo (im)pessoal (2023)

⁸ Sobre o despejo da Ocupação João Mulungu, ver Batista (2021). Sobre o despejo da Ocupação das Mangabeiras, ver ADUFS (2020).

O cartaz

João era muito conhecido na escola, não passava despercebido. Do miúdo ao graúdo, do porteiro ao encanador, todos sabiam quem era ele. O menino maluquinho, hiperativo, esquizofrênico, TDAH, raivoso, brabo. Um manifesto se fez necessário, algo que pudesse abalar, mesmo que pouco, como aquelas crianças eram vistas, e até mudar a forma de apresentá-las. Assim como se pretende apresentar a raiva nesta dissertação. Um cartaz, à moda antiga, para se comunicar com todo o público dizia: “*crianças com sérios poemas mentais*”. Ao ver a placa, a diretora já veio encomendar mais nove. Achou genial e ‘poético’, quis colocar em todas as salas, transformá-lo numa linha de produção que iria exaurir o manifesto a ponto que não dissesse mais nada, fosse, simplesmente, ‘genial e poético’, uma ilustração apenas. Recusei na mesma velocidade em que a encomenda se fez. Que raiva! Essa placa ficou na porta da nossa sala por anos. Já esperto com o esquema de limpeza e reformas, antecipava-me para tirá-la durante os reparos, pinturas etc., e depois a colocava de volta.

Figura 3 – Poemas mentais



Fonte: Arquivo que virou dado de pesquisa (2023)

Ouvi em aula sobre *fazer pesquisa com a história do presente*, será que foi isso a que me propus? Cacei companhias afetivo-teórico-conceituais-políticas, me deixei sujar e contaminar com elas para que pudesse, também, deixar rastros, multiplicando a ação de sujar, de contaminar, de fabular o outro de si e do mundo “ao ponto que já não tem qualquer importância dizer ou não dizer EU” (Deleuze; Guattari, 1996, p. 10). Sujar, nesse caso, é construir um corpo em luta que opera a capacidade do desejo de criação e invenção: “contra o pensamento reducionista do Eu, da pessoa, do sujeito, da vida aprisionada, parada, cristalizada nos *meus* ‘traumas’, nas violências *por mim* sofridas” (Abreu; Coimbra, 2018, p. 105). Estamos às voltas com formas de borrar linhas individualizantes, pessoalizantes, na busca por novos caminhos que explodam a configuração social que intercepta nossa força coletiva. Como diz Fonseca (2007, p. 145): “Precisamos acreditar no mundo e ultrapassar os muros desta vida pequena e pessoal”.

A crítica a um pesquisador-militante falando de um assunto-atravesado só é possível enquanto sou visto como indivíduo. Como se a pesquisa em ‘meu nome’ estivesse centralizada na ‘minha experiência’, nos ‘meus traumas’, nos ‘meus caminhos’. Mas a sujeira, a contaminação, a escrita em composição com o ordinário da vida, as cenas cotidianas, a exposição do que seria extra/fora-texto de uma pesquisa acadêmica ajudam a ver e dizer de violências sofridas/cometidas que explodem uma configuração social que, ao nos constituir como indivíduos, captura a força coletiva, intercepta devires. Baseei-me então em experiências/violências que me atravessaram para dar expressão a afectos como devir, processo desejante (Deleuze; Guattari, 1997)⁹, via para a criação de si e do mundo; para a montagem de um corpo, e um corpo nunca cabe, não tem cabimento num indivíduo.

Que mundos possíveis podem ser criados/fabulados a partir dessa experimentação cartográfica? Implicado num determinado contexto e sensível às forças que atravessam e afetam, que territórios vou construir a partir e com esses encontros? Como fazer uma pesquisa operando com o saber-do-corpo? Como fazer desta escrita uma máquina produtiva de fuga que cria, inventa, fabula e produz outros mundos possíveis, outras formas de habitar os territórios existenciais? [...] Novas políticas de narratividade: aprender afetado, produzir ciência que aumente a potência de vida. (Freitas, 2020, p. 08)

⁹ Ver mais sobre essa locução no capítulo 3.

O trato com a raiva é ambivalente, oscila entre repulsa e fascínio. Procurei, por muito tempo, práticas e estratégias de pacificação, no intento de diminuí-la, negá-la. Cansado e com raiva de esconder a raiva, busquei outros modos. Vislumbrei um projeto de mestrado que falasse sobre ela, estudei, planejei; mas, para minha surpresa, ela não aparecia. Vi-me apresentando outra coisa, havia mudado os rumos da pesquisa? A raiva não surgia no título, nem nos objetivos. Inicialmente foi até frustrante, para onde estou indo? Parecia uma proposta muito interessante, qual o motivo do abandono? Estava negligenciando-a novamente? Foi só depois de ingressar no primeiro semestre que ouvi dizer que tem raiva no que eu faço/escrevo, que isso chama atenção. Foi diferente. Uma surpresa, nunca ouvi sobre isso em tom convidativo. Fascínio. Hoje reconheço que ela sempre esteve lá, embora não enunciada. Entendi que fazia sentido tramá-la, não que ela estivesse descartada. Decidi que nomearia, finalmente, que escrevo sobre raiva, que escrevo com raiva.

Escrever sobre a raiva por si só já é trair o que me ensinaram, é uma aposta em fazer contato com isso que foi ou deveria ser rejeitado, excluído, contido, embotado. O que torna a raiva uma emoção a ser evitada é justamente seu potencial de ferir a norma e de fazer coletivo, um material corrosivo e altamente letal ao estabelecido. Compor com a raiva é enxergar a potência que ela tem, tramar a vida com ela, ir cavando espaços, abrindo frentes e rotas outras para lidar com o modo como nos constituímos, individualizados.

A raiva não vem a passeio, mas, com ela, passeamos, (des)encaminhamos uma pesquisa e um corpo. Como seria pensar-artista a raiva como uma emoção vital e coletiva que nos move a transformar o que se encontra fixo, nos move a resistir ao presente? O que pode a raiva? É possível pensá-la fora das noções de emoção psicológica, questão comportamental ou química? Raiva é algo que se constrói? Que lugar tem a raiva? Qual é o lugar da raiva na clínica? O que raiva teria a ver com política? Poderia ela se comportar como um termômetro¹⁰ para apontar violações e destituição de direitos; apontar que forças germinativas da vida se apequenaram na tarefa a ser cumprida da vida capitalizada e individualizada? E se a raiva pudesse ser a força na nossa indignação, o verme que perturbaria espaços pacificados, que nos fizesse não mais sustentar tal absurdo? Sinto raiva quando a diferença não é bem recebida, quando querem nos conter, diagnosticar, aprisionar, limitar.

¹⁰ Raiva-termômetro; raiva-sintoma. Sintoma no sentido guattariniano de indicar novos universos de referência. Todas nós sentimos raiva, no entanto, há um uso dela atrelado/negado/sobrevalorizado em determinados corpos, individualizados. Aqui, fiz dela um sintoma, já é um caminho.

A raiva parece ser a emoção que possibilita apontar para fora. Não necessariamente para o outro, mas para fora. A raiva que aponta para um si mesmo, para o indivíduo, pode se transformar rapidamente em tristeza, em culpa. Dissolve fácil. Ao apontar para fora, faz sentido construir estratégias de enfrentamento, luta, resistência e organização. Não é um corpo individualizado que resiste a essa engrenagem, afinal de contas, esse moedor de carne é operado coletivamente. Mas cuidado, apontar para fora, não é apontar para uma coletividade, um grupo social identitário já constituído, por exemplo. Esta é a regra de prudência: indivíduo e sociedade são co-engendrados por meio de um mesmo modo de funcionamento. O fora aqui não se confunde com o social:

[...] fazer fugir os mundos que nos tornam fracos e impotentes; não desejamos apenas uma nova história do humano, mas também uma nova geografia, subterrânea, indissociada de um modo inumano de viver, que comporte lugares para tudo aquilo em que nos tornaremos. Revoluções do presente. Novas edificações e novos corpos. [...] Pensar a vida maior do corpo, além da conhecida vida estreita, fazer de nossos corpos detectores das forças-mundo. (Fonseca, 2007, p. 145)

“Corpos-de-passageira às forças do fora. [...] Uma vida está em toda parte (Idem, p. 148); “corpo-vibrátil que, [...] conhece o mundo pela sensação e não se confunde com o sensível do corpo, [...] a sensação traz para a subjetividade a presença viva do outro, passível de ser expressa, mas não representada (Idem, p. 149). Nessa dimensão, como a raiva pode ser esse ponto de tensão, de virada e de possibilidade de criar outros mundos?

Apresentarei possibilidades e usos da raiva até então desconhecidos — ou, seria melhor dizer, ignorados — por mim ou pela narrativa hegemônica que contam dela. Aqui, ela é vivida como uma emoção vital, uma provocação: afecto que não é nem a percepção de algo exterior, nem autopercepção interior, mas acontecimento criativo que transforma; emoção criadora que nos tira de si (Marcondes Filho, 2017). Encontrei na escritura de crônicas, por serem breves e cotidianas e por convocarem o contexto que aterra a raiva, um modo de lhe dar língua e corpo. Encontrei um gênero textual que é, também, forma de expressão para que se possa pensá-la coletivamente, elaborando estratégias para tramá-la, bebê-la e revolvê-la com sonhos-carne-enxada nessa nossa terra apequenada. Um gênero para plantar *girassóis de Van Gogh*, ensaiar *poemas mentais*.

3. IMAGINAR E ESTRANHAR UMA TRAMA RAIVOSA DE PESQUISA

Você está embarcando numa nave espacial da qual não sairá ileso [...]. Simplesmente, passando as páginas, pouco a pouco e sem se dar conta, você perceberá que o mundo está de cabeça para baixo e que a gravidade não passa de uma vaga lembrança. Você estará em outro lugar. E, ao sair desta leitura, saberá que o espaço existe e está aberto — que existe um lugar onde é possível ser completamente diferente de tudo que lhe permitiram imaginar até hoje.

(Preciado, 2020, p. 15)

Como disse Despententes (2020, p. 10) no prefácio do livro *Um apartamento em Urano*, de Paul Preciado, a pretensão desta escrita toma ares de ensaios, experimentações e de existência: “contar às pessoas histórias que elas são incapazes de imaginar — e convencê-las de que é razoável desejar que o inimaginável aconteça”, colocando em jogo outras perspectivas. É que “imaginar, para nós, não é atividade intelectual inferior à razão, mas é ela mesma uma faculdade de resistência, de recusa ao mundo dado, de invenção de si e do mundo” (Melo; Vasconcelos; Oliveira, 2020, p. 73).

Este trabalho está a meio caminho, entre a angústia e o entusiasmo. Foi assim que aprendi com Preciado (2020), fazer política com entusiasmo, sem investir em hostilidades, imaginar outros mundos, antecipar o fim deste, o fim deste mundo como ele é. Chapado de raiva, cultivar uma certa crueldade, habitar um território de pesquisa como um modo de tornar possível outras existências.

3.1. Na trama, juntas

Muitos experimentos (científicos) foram conduzidos utilizando a vida alheia como objeto, enquanto os corpos dos pesquisadores permaneciam intactos, é o que diz a história (da ciência, dos fármacos, da psicologia, da medicina etc.). Essa mesma história, ainda hoje, tende a considerar não científicas ou menos científicas pesquisas autobiográficas, aquelas que se tecem e afirmam a zona de indissociabilidade entre sujeito e objeto. Naturalização de um grande combinado: para fazer ciência, é preciso objetificar e, ao mesmo tempo, generalizar alguém ou algo, individualizar e totalizar esquadrinhando, classificando, organizando, sobrecodificando pelas vestes de um poder-saber o objeto-sujeito estudado. Dessa forma, ao fazer uma análise, a equação é definida em dois planos. No primeiro, corpos que pesquisam — homens brancos, de classe social privilegiada, cisgêneros e heterossexuais. Já no segundo, os corpos pesquisados

ou sinônimos de objeto — mulheres, negros, crianças, povos indígenas, população LGBTQIAPN+¹¹, gordos, pessoas com deficiência (PCDs) e de periferia.

Isso pode ser verificado, por exemplo, na produção industrial em massa de hormônios, uma vez que essas moléculas foram utilizadas prioritária e quase exclusivamente em corpos de mulheres, no mínimo, até o início do século XXI (Preciado, 2018). Foi em um lugar conhecido como “o pequeno buraco de lama” ou “a pior favela da ilha”, em Porto Rico, assim chamado nos documentos norte-americanos, que a famigerada pílula anticoncepcional começou a ser testada em corpos de mulheres não brancas¹² para o desenvolvimento tecnológico da pílula. Outra engenharia biopolítica foi erguida com as pesquisas em corpos de judeus nos campos de concentração nazistas, o que levou a uma série de resultados sobre ‘hormônios masculinos’ (Preciado, 2018).

É como se tivéssemos petróleo e todos os regimes poderosos quisessem esse petróleo, e para isso precisassem nos expulsar da gestão de nossas terras. É como se fôssemos muito ricos de uma matéria-prima indefinível. E, se interessamos tanta gente, é porque devemos possuir algo cuja essência é rara e preciosa — do contrário, como explicar que todos os movimentos liberticidas demonstrem tamanho interesse por nossas identidades, nossas vidas, nossos corpos e pelo que fazemos em nossas camas? (Preciado, 2018, p. 14)

É como se eles, os homens brancos europeus e norte-americanos, heterossexuais, ricos ou de classe média, possuíssem a maquinaria necessária para a extração, mecanismo que os afasta das “técnicas biopolíticas de castração”, conservando suas masculinidades e “seus enclaves orgânicos”. Eles representam a “corporalização do poder soberano e não podem ser simplesmente extirpados”, quem dirá testados, pesquisados (Preciado, 2018, p. 184). Eles representam “uma gigantesca memória [...] é claro que a criança, a mulher, o negro têm lembranças; mas a Memória que recolhe essas lembranças não deixa de ser sua instância viril majoritária” (Deleuze; Guattari, 1997, p. 90).

De onde falo, aqui, emerge um lugar ambivalente, o de ser usuário e máquina, quando se banca pesquisador — também — a si mesmo. É essa ambivalência que Preciado (2018, p. 13) assume em sua obra *Testo Junkie* quando afirma:

¹¹ Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, queer, intersexo, assexual, panssexual, não-binários e outras identidades.

¹² Mulheres não brancas é o termo usado por Preciado (2018).

Este livro não é uma autobiografia, mas um protocolo de intoxicação voluntária à base de testosterona a respeito do corpo e dos afetos de B. P. Um ensaio corporal. Uma ficção, na verdade. Se for preciso levar as coisas ao extremo, é uma ficção autopolítica ou uma autoteoria. Registram-se, aqui, tanto as micromutações fisiológicas e políticas provocadas pela testosterona no corpo de B. P. quanto as modificações teóricas suscitadas nesse corpo pela perda, pelo desejo, pela exaltação, pelo fracasso ou pela renúncia.

Começo por mim, narro experiências íntimas, mas é preciso ter prudência: isso não encabeça uma pesquisa sobre o EU. Nesse sentido, a subjetividade que se inscreve em meu corpo não é exclusivamente minha experiência, não pertence a mim, assim como a subjetividade sobre a qual narra Preciado também não lhe é uma peça exclusiva, são todas produtos de um atacarejo (atacado e varejo).

Meus sentimentos, pelo fato de serem exclusivamente meus, não me interessam: pertencem a mim e a mais ninguém. Não me interessa sua dimensão individual, mas sim como são atravessados pelo que não é meu. Ou seja, por aquilo que emana da história de nosso planeta, da evolução das espécies, dos fluxos econômicos... (Preciado, 2018, p. 13)

Assim, a proposta foi a de habitar, com esta pesquisa, um plano de composição, plano do devir; liberar a linha da escrita-existência, inscrevendo-nos numa temporalidade que parece ser distinta da história – “a história designa somente o conjunto das condições, por mais recentes que sejam, das quais se desvia a fim de ‘devir’, isto é, criar algo” (Deleuze, 1992, p. 210-11). Nesse plano e temporalidade outra, tramar o outro do corpo, da pesquisa, experimentar dizibilidades, visibilidades, sensibilidades outras.

“Escrever não tem outro objetivo: desencadear devires” (Deleuze; Guattari, 1997, p. 63). Nesse processo, “não se trata de conformar-se a um modelo, mas insistir numa linha” (Ibidem, 1997, p. 81). “Uma linha de devir não se define nem por pontos que ela liga, nem por pontos que a compõem; ao contrário, ela passa entre os pontos, só cresce pelo *meio*” (Ibidem, p. 91). “Devir [...] cessa de ser uma evolução filiativa hereditária para tornar antes comunicativa e contagiosa. Preferimos então chamar de ‘involução’ essa evolução que se faz entre heterogêneos” (Deleuze; Guattari, 1997, p. 19), “onde a forma não para de ser dissolvida para liberar tempos e velocidades” (Ibidem, p. 56). Em outros termos:

Devir é, a partir das formas que se tem, do sujeito que se é, dos órgãos que se possui ou das funções que se preenche, extrair partículas entre as quais instauramos relações de movimento e repouso, de velocidade e lentidão, as mais próximas daquilo que estamos em vias de nos tornarmos. É nesse sentido que o devir é o processo do desejo (Ibidem, p. 64).

Assim, entendemos que afectos — que não se tratam de sentimento pessoal, tampouco uma característica ou emoção subjetivada —, “são devires” (Ibidem, p. 42), “efetuação de uma potência de matilha que subleva e faz vacilar o eu” (Ibidem, p. 21). “A origem das matilhas é totalmente outra que a das famílias e dos Estados e ela não para de trabalhá-las por baixo, de perturbá-las de fora, com outras formas de conteúdo, outras formas de expressão” (Ibidem, p. 24), num espaço-tempo que não é o da história-memória, “numa língua que não é mais a das palavras, numa matéria que não é mais a das formas, numa afectabilidade que não é mais a dos sujeitos” (Deleuze; Guattari, 1997, p. 44).

Assim, queremos “afirmar o processo contra qualquer estrutura e gênese, um tempo flutuante contra o tempo pulsado ou o *tempo*, uma experimentação” (Ibidem, p. 56), um plano de escrita e de vida. Intentamos maquinar uma narrativa que não se esgote na minha experiência individual, apesar de (ou justo por?) eleger um problema de vida como pesquisador. Uma escrita cuja narrativa está tramada à história de uma coletividade (Evaristo, 2020). Meu corpo não se encerra na dimensão individual, nem na de sujeito, não é o que comumente se define como um. “Não há corpo humano universal, mas uma multiplicidade de seres vivos e tecidos orgânicos generalizados, racializados e sexualizados” (Preciado, 2018, p. 183). Estranho como as coisas estão dadas como quem não concebe, como quem não quer naturalizar, como Preciado (2018) estranha tornar-se homem, referindo-se à transição de gênero, conservando ilesa a memória da opressão, da masculinidade.

Questiono, que corpo é esse? Como foi constituído, atravessado, ferido? Que encaminhamentos foram dados a partir de então? Para onde levo? A escrita é o encaminhamento. Afinal, “a palavra também se inscreve no corpo, na memória, no tempo” (Martins, 2021, p. 26), embora o que se pretenda aqui seja habitar o tempo-espaço do devir, uma anti-memória, dando corpo e língua a afetos que pedem passagem (Deleuze; Guattari, 1997; Rolnik, 2019). Questiono como quem estranha e é o estranho ao mesmo tempo. Dentro e fora todo o tempo, dentro e fora do próprio tempo, histórico. Que linhas são essas que nos constituem e nos embaraçam ao mesmo tempo? Como foi se dando todo esse processo? Por que esse corpo reage assim, sente prazer dessa forma e não de outra? Como ele fica com tudo isso? Estranho-me antes de tentar dimensionar o outro, experimentando o outro em mim.

A intenção dessa escrita é, pois, o estranhamento. Estranhar o que me fizeram, como fui constituído, como meu corpo está organizado, o que carrego como projeto. Por que o recomendado é sempre tecer análises sobre terceiros? Por que não estranhar a minha

branquitude, os meus privilégios? Por quais motivos escondem a sujeira? A serviço de quem? Quem financia e endossa a assepsia? E como dela participo?

A proposta desta escrita dialoga com a provocação feita por Jacques Derrida em seu filme homônimo. Na ocasião, perguntaram-lhe: “Se o senhor pudesse ver um documentário sobre um filósofo, sobre Heidegger, Kant ou Hegel, o que gostaria de ver nele?”. Derrida respondeu: “Que falem de sua vida sexual. Você queria uma resposta rápida, não? A vida sexual deles”. A instituição ciência e seus caçadores de dados precisam rever os critérios, algumas informações não estão sendo publicizadas, seria isso o que tanto chamam de enviesar uma pesquisa? Torcer, moer até chegar à hipótese, por vezes falida, traçada no começo?

Para encaminhar (denúncia e redistribuição), compartilho esta carta elaborada por Sodoma (2023) e que funciona, do modo como aposto, como um anti-mandamento¹³ para atrapalhar a gramática da violência.

Nem "objeto" sou.

Inconvenientes que se repetem merecem uma abordagem pedagógica. Pesquisadores sempre querem nos pesquisar. Outro dia, me escreveu 1 professor duma grande universidade (¶homem, cisgênero, branco, do sudeste). Lá eles estudam a "precariedade" do corpo e da imagem. Me queria como seu objeto de pesquisa. Para ele, eu era a "precariedade" viva, do mundo para além dos livros. Insistiu no contato, por eu ser indígena e trans, duma periferia do Norte.

[...respiro...]

Caros pesquisadores, também já fui cientista. Já coordenei grupos de pesquisa, publiquei artigos e transformei existências vivas e complexas em "objetos de pesquisa". Já perguntei coisas a sapos e lagartos, só porque eu queria perguntar. Com pessoas, essa perseguição é igualmente delicada. Mundos diferentes podem e precisam se aprender – mas é decisivo COMO isto ocorre. Indígenas e gentes vulnerabilizadas sempre foram estudados por gente privilegiada – que cria carreiras inteiras às nossas custas, nos aprisionando no local do "OUTRO". O "OUTRO" não precisa ser o igual, mas tbm não precisa ser o exótico, de insalubre existência. O que está nessa linha tênue é a abordagem feita.

Eles escrevem sobre nós sentados no conforto de sua cadeira e de seus privilégios.

Para alguns o "precário" é palavra, para outros é a própria vida.

¶ enquanto ele escreve, eu carrego sacolas nos ombros;

¶ ele teoriza sobre violências, delas eu fujo todos os dias.

¶ para ele, a fome é aventura imaginária, para mim, realidade que luto pra não se repetir.

¹³ Proposta usada por Sofia Favero (2022) no seu livro *Psicologia Suja*.

¶ ele vê seus iguais sempre nos locais de poder; já os meus, seguem subjugados, marginalizados, invisíveis.

¶ pra gente, Lutos são cotidianos e Luta é verbo – para ele, tudo isso rende bonitos parágrafos.

Nossas vidas não é só cansaço e desumanidade. Perguntem sobre nossas conquistas, alegrias e sonhos. Escrevam COM A GENTE, sobre como rompemos os limites, não só como eles nos limitam e engolem.

Precisamos da reunião de diferentes saberes e realidades, mas Aprendizado sob diferenças requer franqueza e empatia, senão é o puro e velho Extrativismo. Nada se ensina, nada se aprende sem generosidade. Pisem com mais mansidão nesta terra, pesquisadores.

Figura 4 – "Combustão" de Céu Isatto



Fonte: Isatto (2019)

4. TRAMAS DA RAIVA

¿Escucharon? Es el sonido de su mundo derrumbándose. Es el nuestro resurgiendo. (EZLN, 2012)

Se o devir é o processo do desejo, como indicam Deleuze e Guattari (1997) em *Mil Platôs*, não resta outra coisa, considerando a perspectiva desta pesquisa, senão falar da raiva começando pelo começo. Tomamos ‘começo’ como uma função didática, não remetendo a uma origem ou causalidade. É neste território raivoso que começamos a nos envolver na emaranhada malha de fios que compõem a nossa experiência, fazendo-a material de pesquisa, experimentação. Ainda crianças, experimentamos os apertos das linhas duras em nossas vidas conforme somos subjetivados. As linhas e os nós nos atravessam. A fixação ganha espaço e notoriedade. Muitos adultos que se dizem preocupados com a infância, na verdade, estão preocupados em apertar esses nós de humanismo e humanidade, prescrevendo modelo e memória conforme o que se tem naturalizado como humano. E humano-adulto bom, é aquele que controla suas emoções, homem razoável.

“Nem toda palavra é aquilo que o dicionário diz”¹⁵:

Uma doença:

A raiva é uma doença infecciosa viral que atinge o sistema nervoso central.

Um vírus mortal transmitido para as pessoas pela saliva de animais infectados. Normalmente, a raiva é transmitida por meio da mordida de um animal. Os sintomas incluem febre, dor de cabeça, salivação excessiva, espasmos musculares, paralisia e confusão mental. Procure atendimento médico imediatamente depois de uma mordida ou suspeita de mordida. Não há tratamento específico para a raiva. Depois que os

¹⁵ Canção *O sonho de uma flauta* (2008), de O Teatro Mágico.

sintomas aparecem, a doença é quase sempre fatal. Uma vacina pode prevenir a infecção.

Requer diagnóstico médico.

Crítico: necessita de atendimento emergencial.

(Ministério da saúde, 2021).

Qual o lugar da raiva em sua vida? Quais coisas ouviu sobre ela durante sua infância e até mesmo na adultez? Em que espaços você costuma expressá-la? A definição da raiva como doença (de origem animal) foi apresentada logo acima, porém a raiva como emoção, se prestarmos atenção, não é tratada de forma muito diferente. Em uma definição bioquímica, como se fôssemos um cérebro, a raiva aparece como um mero bloqueio mental/emocional, um desequilíbrio (bio)químico do córtex pré-frontal, no qual, a presença de um fármaco poderia solucionar todo esse desajuste que provoca raiva, fúria e impulsos violentos.

Em seu estudo sobre clínica e usos do corpo, Gimbo (2023) apresenta a raiva como uma emoção negada. Uma emoção não-recomendada, um contato mal recebido. A abordagem oscila entre conter e suprimir (sinônimo de boas maneiras, tudo nos conformes a uma educação para nos tornar humanos, obedientes, adultos, pacificados). Quantas estratégias precisam ser lançadas para deixar de ser uma pessoa raivosa, administrar individualmente suas emoções e encarar a vida de outra maneira? A suspensão (censurada, rejeitada, condenada, reprovada, desaprovada, advertida) inicia por quem cuida (pais, professoras, psicólogas, cadernos, livros, *playbooks*¹⁶ sobre as emoções) e depois por nós, com a autorregulação – que também pode ser chamada de autocuidado. Por meio dessa trama psicopedagógica de cuidado, “aprendemos a suprimir as respostas comportamentais espontâneas da raiva” (Gimbo, 2023, p. 2).

Lembrem-se: depois que os sintomas aparecem, a doença pode ser fatal. Por isso, a importância de doses diárias de regulação. A regulação emocional, habitualmente e reiteradamente, tenta docilizar a raiva, anulando-a ou minimizando-a ao máximo, lá de onde possa ser vestida de perdão, amor, generosidade e empatia. Onde já se viu ter raiva?

Para pensar mais esse embotamento das emoções, analisemos como a Família Lüdtké¹⁷ apresenta a raiva em uma música infantil. “Por que está com essa cara? Parece que você está

¹⁶ *Playbook* ou caderno de atividades usado por empresas que elaboram manuais e conteúdos sobre inteligência emocional, amplamente adotado pelas escolas do maternal ao ensino médio.

¹⁷ A autoria da música é da Família Lüdtké e faz parte do Projeto Emoções, uma iniciativa das escolas adventistas do Vale do Paraíba, São Paulo.

com raiva. Sinto como uma explosão. Aqui dentro do meu coração!” (Raiva, 2024). Uma emoção questionada, antes de tudo, por sua existência. “Se foi algo tão errado, você não vai resolver chateado” (Idem, 2024). Em um cenário raivoso, a calma e a paz sempre aparecem como mecanismos de salvação. Como se, para cuidar da questão, fosse importante livrar-se o mais rápido possível da raiva, entrar em outro ‘estado’. Combate-se o pecado da Ira com a virtude da calma.

Como falar no lugar da raiva, como quem a sente, como ela? Como se ela não pudesse dimensionar as coisas, apontar fragilidades, riscos, violações. Raiva é emoção desarrazoada por demais. Assim, não perguntam qual tamanho ela tem, qual sua grandeza, querem erradicá-la desde então. Como se a raiva não pudesse ser estratégica, necessária. Como se ela não pudesse ser organizada, coletivizada, compartilhada. A administração neoliberal é sabida. Mantém-se a raiva contida e assim a docilidade política das massas. Sua terra se ara no braço, no corpo-a-corpo. Raiva faz corpo, coletivo.

“Sim, sim, foi muito errado! Eu não podia ficar mais calado. Só que uma bomba nunca vai construir nada” (Raiva, 2024). Raiva, sempre equiparada a algo ruim/destrutivo. São muitas camadas. Sendo assim, talvez exista a necessidade de destruir alguma coisa mesmo, como negar? E, mesmo reconhecendo a necessidade da destruição, por que colocá-la presa a esse lugar necessariamente destrutivo? Por que ela não pode ser vista como via de construção, criação? “Melhor é resolver tudo com muita, muita calma!” (Idem, 2024). “A raiva não educa, a calma educa”¹⁸. Paz!

“Venha comigo! E vamos cantar essa canção! Conte 1, 2, 3, 4, 5” (Idem, 2024). Tudo se resume a uma técnica (sempre com o mesmo fim: diminuir, controlar, enfraquecer, erradicar). Mas o que pode a raiva, o que se pode com raiva? Cada emoção exige um corpo. Por que negam corpo à raiva, por que sempre falta corpo à raiva? Se ela nos contaminar, que risco (vital) correríamos?

“Que boa sensação!” (Idem, 2024). O embotamento (a pacificação) produz uma boa sensação? Boa sensação para quê(m)? Por que um ‘estado’, uma boa sensação (uma sensação do bem, talvez fosse melhor dizer) é longe dela? “Sempre há, sempre há uma solução” (Idem, 2024). Em funcionamento, aqui no nosso corpo, a mesma lógica neoliberal que vende segurança e garantias individuais e individualizantes: é possível distribuir soluções pelo emprego de

¹⁸ Crítica que faz alusão ao livro *A raiva não educa, a calma educa* (Eigenmann, 2024).

técnicas para resolver questões complexas com dimensões político-sociais, estruturais/institucionais, coloniais?

Na música, um adulto diz: “Não adianta empurrar, bater os pés ou sair gritando”. Uma criança responde: “Mas então o que é que eu faço? Eu não posso ficar mais calado!” (Idem, 2024). Quando a lógica é controlar a raiva, controla-se também o corpo. Não há manifestação corporal aceitável nesse momento. Bater os pés, ranger os dentes, gritar. Pede-se silêncio, imobilização. Sem língua, sem expressão.

Na contramão do que diz a música, João sabia que bater os pés e ranger os dentes produzia efeito. Certo dia, a diretora foi chamada com urgência, como se uma sirene alertasse de um incêndio. Chegando lá, quem estava pegando fogo era um garoto, pegando fogo de raiva. Ela, supostamente achando que tinha a mangueira em mãos, iniciou a contenção física dentro da sala de aula, posicionando o garoto de pé, mantendo contato visual, segurando-o com firmeza pelos braços para que ele fosse imobilizado. Por alguns segundos, era possível verificar que ele nem tocava o chão, ela o apertava pelos braços com o seu corpo no ar, mas ele achou uma brecha. A diretora não achou que o golpe poderia ser tão baixo.

João aproveitou que estava suspenso no ar e que seus pés estavam na altura das canelas da diretora e a golpeou repetidamente até que fosse liberado dali. Como negar que a estratégia do garoto advogou a seu favor? Ele fez um uso protetivo da força para se defender de uma hostilidade produzida dentro de uma instituição escolar que tinha como objetivo cuidar dele. Mas cuidar dele não seria fazê-lo entender que a verdadeira hostilidade é a raiva e que ele teria que, por meio da educação, a todo custo se livrar dela? Na cena descrita, em que a violência pode ser localizada?

“Pertinho de você, sempre há alguém para lhe ouvir!” (Idem, 2024). Desde que você já esteja calmo, óbvio. Para a raiva (especialmente se tiver corporificada), não há ouvidos, as técnicas são para matá-la antes que ela lhe mate, indivíduo. Que corpo é necessário para ouvir uma raiva? Quem pode nos ouvir? A psicologia com suas técnicas e recomendações? O opressor vai ouvir? Família, Estado, Homem? “Melhor compartilhar o que sente, em vez de explodir!” (Idem, 2024). Sim, ouvidos especialistas nos educam para a confissão, indexando nossas subjetividades às verdades desse tempo. Para eles, compartilhar o que se sente, o que se é, é fundamental para a constituição de indivíduos na linha de frente entre mercado e Estado.

“Venha comigo! E vamos cantar essa canção!” (Idem, 2024). Um abraço, uma canção, uma contagem. Técnicas nem sempre violentamente poéticas, às vezes, só violentas, tal qual a contenção da diretora. Mas não, foi o menino que a golpeou, escapando de seu cuidado. Ele não

contou. “Conte 1, 2, 3, 4, 5. Que boa sensação! Sempre há, sempre há uma solução. Um, dois, três, quatro, cinco. Por que está com essa cara? Eu gosto mais da sua gargalhada!” (Idem, 2024). Querem-nos anestesiados, para não dizer nesses termos, dizem felizes. Querem nos ver bem! Não bem como advérbio de modo, mas bem como advérbio de intensidade, bem mansinhos, cidadãos de bem. Querem nos ver bem, bem engasgadas. “Fomos socializadas para respeitar mais ao medo que às nossas próprias necessidades de linguagem e definição, e enquanto a gente espera em silêncio por aquele luxo final do destemor, o peso do silêncio vai terminar nos engasgando”¹⁹ (Lorde, 1984, p. 1, tradução livre).

A quem interessa esse projeto de paz sem voz? Agressões voltadas a si mesmo têm uma imagem muito bem estruturada em nosso imaginário, em estrita relação com a imagem do flagelo cristão: um instrumento de penitência usado mais comumente por religiosos monásticos em si mesmos durante a idade média, um chicote de sete cordas que simboliza as sete virtudes e os sete pecados capitais, dos quais a Ira faz parte. Castiga-se o corpo para disciplinar o espírito, como na Bíblia Sagrada (2017, Coríntios 9:27): “Castigo o meu corpo e mantenho-o submisso, para que não aconteça que, tendo pregado aos outros, venha eu próprio a ser eliminado”.

Agressões voltadas a si passam a ser desejadas, honradas, sinônimo de virtude e de santidade. Aqui, vamos dar o nome mais importante de culpa, este sentimento muito bem fabricado no ocidente cristão, equivalente a torturar-se, autoflagelar-se. Sentimento que provoca submissão, inação. É desejado de nós que sintamos culpa para que entremos nos reinos dos céus, mesmo que agora o procuremos aqui na terra, que nos açoitemos ao ponto do insuportável, para que assim, já de joelhos, caídos em derrota, imploremos por perdão a um senhor misericordioso, seja lá a que deus for. Nesse nosso caso, o deus mercado tende a unificar a fé e os credos. “É muito comum que a ‘culpa’ seja outro nome para ‘impotência’, para uma atitude defensiva que destrói a comunicação; ela se torna um instrumento usado para proteger a ignorância e manter as coisas como estão, a proteção mais sofisticada da inércia” (Lorde, 1984, p. 5, tradução livre).

O menino furioso, em suspenso pela diretora, na escola, era visto como um garoto-problema. Raivoso, impossível, encenqueiro, violento, sua chegada poderia desorganizar o ambiente e as pessoas. Quando sua raiva dava qualquer sinal de aparição, os adultos de plantão já se preparavam para contê-la, contendo-o de qualquer possibilidade de ampliação de existência, qualquer possibilidade de fabulação, qualquer possibilidade de revolta contra a

medicalização e a vida feliz, a dopagem cultural (Couto, 2009), qualquer possibilidade de fazer povo (Deleuze, 1992). Era uma equipe bem preparada, munida de técnicas avançadas de pacificação. A *coach* contratada pela escola põe o moleque no colo e pergunta: “morda sua mão quando estiver com raiva, bata em você mesmo”; “tomou seu remédio hoje?”. Perguntas engajadas ao esquema de governo das condutas por meio da medicalização, biopsicologização, internalização, individualização, culpabilização, expiação e penitência.

Aos poucos, vai se perdendo o co-engendramento de si e do mundo de vista. O “eu” é a resposta e o problema de tudo. A individualização é certa, todo conflito é internalizado, há uma contração, em vez de uma distensão da pele, o corpo fecha seus poros, toda a energia é utilizada nesse aprisionamento, na tortura a que se emprega a si mesmo. A raiva do menino passa a ser um desequilíbrio bioquímico, um problema de (mau) comportamento, e não tudo que aconteceu com ele: submetido a situações de vulnerabilidade, precariedade e desigualdades sociais e de negligência estatal.

O que se queria era paz. Paz para quê(m)? Produzir conflito nunca foi um problema, a paz nunca foi contra conflitos, mas sim contra que alguns conflitos sejam externalizados, socializados, redistribuídos (Mombaça, 2021). Paz não surge, ela é implementada, não é um estado de coisa, é uma força exercida. Já a raiva é tão potente, tão afiada, tão ameaçadora por justamente externalizar todos esses conflitos produzidos em nome da paz sem voz neoliberal.

A paz é muito falsa. A paz é uma senhora. Que nunca olhou na minha cara. Sabe a madame? A paz não mora no meu tanque. A paz é muito branca. A paz é pálida. A paz precisa de sangue. (...) A paz só aparece nessas horas, em que a guerra é transferida. Viu? Agora é que a cidade se organiza. Para salvar a pele de quem? A minha é que não é (Freire, 2017).

4.1. “Quem tem direito de sentir raiva?”

Esse texto é efeito de uma pesquisa e de uma escrita embebida de raiva, caçando jeito de organizá-la, compartilhá-la. Um jeito de dar corpo, vazão à raiva, pôr as linguagens para jogo, disputando-as. Na tentativa de desenvolver uma outra língua para pensar a raiva, Gimbo (2023) a apresenta como “uma emoção básica” (p. 2) que provoca efeitos fisiológicos, motores, psicológicos, no entanto, ela não é esses efeitos, já que pode ser expressa e sentida de formas muito diferentes. A raiva, para a autora, seria uma preparação para ação, o que torna possível dizer que a raiva destrói os obstáculos que impedem o apetite de abocanhar. “A gente fica mordido, não fica?” (Zero, 2015). Ainda de acordo com a autora, em diálogo com conceitos

desenvolvidos por Perls *et al.* (1997), o apetite da raiva é intenso, saboroso, agradável e aproxima-se para agarrar com os dentes a descoberta, baba quando a mastiga. Tomada desse jeito, a raiva estaria muito mais próxima de uma assimilação antropofágica do que da violência que implica governo e poder sobre outro corpo.

Estou salivando, testando com a língua se meus caninos ainda estão afiados
 Quero estar pronto pro abate
 Faminto
 Capaz de me devorar
 Quero logo destruir essa forma atual
 Que ela vire um amontoado de proteínas e gorduras em suco gástrico
 Seja corroída e desfeita
 Preste para ao menos ser matéria prima do que está por vir
 Estômago de abutre para digerir toda essa carniça
 Podridão
 Já sinto o cheiro²⁰

Dando outros sentidos às palavras que são comumente ligadas à violência, Perls *et al.* (1997) dizem que “a raiva contém três componentes agressivos: a destruição, a aniquilação e a iniciativa” (p. 151). Para eles, tais componentes nada têm a ver diretamente com violência. A agressão é um movimento pelo qual o organismo entra em contato com o ambiente, toca o mundo, “distende sua pele” (idem, p. 152) para compor com o mundo. O apetite nos coloca a morder, a abocanhar o mundo, e precisamos disso para nos alimentarmos em vários sentidos. Sendo assim, a destruição aqui é a operação de desestruturar/desconstruir o objeto de um todo, morder em partes para que ocorra uma assimilação desses componentes e, assim, seja possível uma outra composição de si e de mundo. É o processo destrutivo de mastigar e digerir que possibilita o que uma vez foi se tornar agora matéria prima do que virá. Destruir permite criar.

Já a aniquilação opera em outra direção, ela não é a extinção física de um corpo ou grupo, ela é uma cisão, um corte, a imposição de um limite. A destruição visa aproveitar os componentes de seu alvo, já a aniquilação rejeita, descarta, ignora, despreza e afasta. Ela ocorre

²⁰ Poesia de Ariel Fialho, acervo pessoal.

por conta de uma ameaça externa que nos mantém em estado de tensão, não se gera prazer nesse processo, a não ser pelo alívio da tensão produzida pelo objeto ameaçador. Podemos usar de exemplo tanto relações de parentesco, de amizade, de trabalho ou românticas, quanto objetos de desejo e certos comportamentos (Perls *et al.*, 1997). Flexionando para uma noção coletiva, será que poderíamos nos questionar sobre o papel essencial desse processo da raiva em outros sentidos como mulheres que vivem relacionamentos abusivos (normalizados no patriarcado) aniquilando, produzindo essa cisão, esse corte em seus casamentos? Ou até, como aniquilar ideologias genocidas de eugenia, das quais não queremos aproveitar nada, nem tolerar a intolerância?

A iniciativa é isso que mais facilmente observamos na raiva, a mudança de postura, o rompimento com a normalidade das coisas, o movimento que nos faz não aceitar o que foi estabelecido, o impulso a mudar as coisas de lugar. A raiva aparece nesses momentos em que somos ameaçados em algum nível, então como ser uma minoria social e não sentir raiva? Temos nossa existência constantemente ameaçada, para não introjetarmos toda essa violência de uma sociedade machista, lgbtfóbica, racista, capacitista, precisamos devolver todo esse mal-estar produzido em nós.

Ao começarmos a organizar, pela criação de um território comum, a experimentação da raiva e seus componentes, desistimos de nos contentar com o embotamento do movimento emocional. A que senhores a paz interessa? Criança pacífica, aquela que não incomoda os adultos. Mulher pacífica, aquela que não intimida o patriarcado. Negro pacífico, aquele que não importuna a branquitude. LGBTQ+ pacífico, aquele que não dá pinta, não ameaça a heteronorma, nem o sistema²¹. Pessoa com deficiência pacífica, aquela que não constrange o capacitismo.

Importante ressaltar que existe uma dupla posição da raiva na nossa estrutura social: a de ser reprimida como viemos mostrando, mas também a de ser ignorada, naturalizada, relevada ou até privilegiada em certas situações. Não vemos nada demais ao nos depararmos no dia a dia com um pai a gritar com seu filho, um chefe a brigar com seu funcionário, um marido a vociferar com sua esposa, talvez até esperemos que uma hora ou outra isso vá acontecer, que faz parte. Um policial pode muito bem chegar gritando e agredindo, mas as consequências são gravíssimas se uma pessoa negra ousa levantar a voz. A “raiva é permitida quando se pressupõe a crença de superioridade de um grupo sobre outro” (Gimbo, 2023, p. 9). Nessa lógica, a raiva

²¹ Consiste na junção da palavra “sistema” com a palavra “cis”. Indica não só um sistema heterocentrado, como também, cis-centrado.

só é permitida em contextos de violência, como violência legitimada. A raiva de um policial que violenta é esperada, normalizada, condecorada, uma raiva humanitária; a do negro periférico, a do menino suspenso pela diretora, raiva com capacidade de contaminar, gerar revolta, fazer povo, deve ser reiteradamente reprimida, silenciada, contida e, para isso, utiliza-se de tecnologias do afeto e da violência.

Na intenção de separar a raiva da violência, torna-se importante separar a emoção vital da raiva do sentimento mortífero de ódio de quem quer nos matar. A raiva é heterogênea, faz povo, engendra devires-minoritários, transforma “*nossa dor, tua emoção, meu olhar, em seu esplendor impessoal*” (Didi-Huberman, 2019, p. 7). A raiva coletiviza, faz corpo. Na direção contrária ao silenciamento, na corda bamba entre o mortífero e o embrionário, ela expressa um desejo vital de transmutação. Nessa direção, tomamos a raiva aqui como um saber-do-corpo, no sentido dado por Rolnik (2016), um ‘afecto’ — diferente das emoções psicológicas a que damos o nome de afeto ou sentimento; uma emoção vital, uma contaminação, uma perturbação na ordem das coisas, na ordem do dia, na ordem da vida afetivo-cultural. Como afecto, como emoção vital, raiva não tem imagem nem gesto que lhes corresponda. Ela diz respeito a esse desejo de vida do vivo, a uma experiência de subjetividade — que não se confunde com a experiência do sujeito, tampouco com a do indivíduo —, ali em que “somos parte do corpo vivo do universo e não há separação entre nós e toda espécie de elementos que o compõem numa variação contínua. O mundo ‘vive’ efetivamente em nosso corpo [...] impulsionando o processo de recriação de nós mesmos e de nosso entorno” (Rolnik, 2016, p. 11).

Por não corresponder à experiência de subjetividade em seu novo arranjo de forças resultante de novas conexões entre corpos, a cartografia afetivo-cultural vigente passa a asfixiar a raiva impregnando-a de significados, moralizando-a. Talvez o que estejamos tomando como raiva da diferença, do outro e do que se move em nós seja mais da ordem do sentimento de ódio, do extermínio do outro entendido como ameaça, da violência como seu único modo de funcionamento. O ódio é tanto “o hábito emocional ou disposição mental em que aversão se une à violência” (Lorde, 2019, p. 194), quanto também algo que se estabelece aquém e além das sensações de um indivíduo. O indivíduo blindado e pacificado não necessariamente precisa de um fogo no peito como a raiva, já que o ódio é implementado nas estruturas frias das instituições e em suas máquinas, como a guerra às drogas que opera, pelo ódio ao outro, o genocídio da população negra. Ódio é necessariamente conservador, persegue a mudança, toda e qualquer faísca de movência, procurando se instituir. Violência e ódio ao outro fazem parte da cartografia cultural e afetiva vigente. Disso é que temos raiva.

Mbembe (2020) assinala que o paradigma da guerra às drogas atualiza políticas de inimidade como regulação necropolítica dos corpos. Um Estado de segurança e vigilância administra a vida pela organização para a morte, para a matança de muitos, de diferentes formas. Muitos de nós têm suas condições de vida subsumidas à sobrevivência, lutando por questões básicas; esses são os muitos perseguidos, dentre outras coisas, pela constituição de toda uma ‘inteligência emocional’: medo, ódio, culpa, hostilidade, ameaça, desconfiança, perigo, separação, clausura, exceção, morte, assassinatos. Em nome do bem e da paz, instaura-se um estado de guerra permanente, talvez assim a política tenha se transformado na guerra propriamente dita e não mais precise de outros meios para continuá-la. O que queremos assinalar é a construção de uma política-afetiva de produção de um desejo brutal pela figura do inimigo, da segregação, do extermínio, da morte, especialmente a matada.

Mbembe (2021) utiliza a ideia de brutalismo para evidenciar esse gosto político pela devastação, pela extração contínua e pela reificação de diferentes maneiras de justificar a repressão e a violência, gerando excesso e exceção — o que tende a fagocitar a raiva, a revolta aproximando-as do ódio e da violência, impedindo movimentos de resistência. Nesse circuito, ódio e paz despontam como duas faces da mesma moeda, uma força que ora extermina os corpos, ora extermina as vozes, ora extermina as forças; ódio e paz, ambos como processos de silenciamento. O Estado de Israel move seu ódio aos palestinos. Na ação de implementar a paz na região, quer purificar a terra incendiando a superfície da pele com fósforo branco²². Disso tudo, temos mais raiva ainda. Algo em nós ainda se revolta, um fogo ainda queima. Que tal usarmos de nossas centelhas para produzir uma labareda?

Tudo está na natureza encadeado e em movimento – cuspe, veneno, tristeza, carne, moinho, lamento, ódio, dor, cebola e coentro, gordura, sangue, frieza, isso tudo está no centro de uma mesma e estranha mesa.

Misture cada elemento – uma pitada de dor, uma colher de fomento, uma gota de terror.

O suco dos sentimentos, raiva, medo ou desamor, produz novos condimentos, lágrima, pus e suor, mas, inverta o segmento, intensifique a mistura, temperódio, lagrimento, sangalho com tristeza, carnento, venemoinho, remexa tudo por dentro, passe tudo no moinho, moa a carne, sangue o coentro, chore e envenene a gordura: você terá um unguento, uma baba, grossa e escura, essência do meu tormento e molho de uma fritura de paladar violento que, engolindo, a criatura repara o meu sofrimento co’a morte, lenta e segura.

²² Fósforo Branco ou Napalm é uma arma química, que, ao ser usada, é considerada crime de guerra pela Organização das Nações Unidas pela sua crueldade de fazer a pele incendiar em contato com o atrito do ar. A esse respeito, ler *Ardem Até Os Ossos: O Que São as Bombas Ilegais de Fósforo Branco?*, UOL (2023).

Eles pensam que a maré vai, mas nunca volta. Até agora eles estavam comandando o meu destino e eu fui, fui, fui, fui recuando, recolhendo fúrias. Hoje eu sou onda solta e tão forte quanto eles me imaginam fraca. Quando eles virem invertida a correnteza, quero saber se eles resistem à surpresa, quero ver como eles reagem à ressaca. (Buarque; Pontes, 1975)

4.2. Abraço na raiva dos outros é refresco

Figura 5 – Manejo com abelhas e marimbondos

g1

MATO GROSSO DO SUL 

Entenda como solicitar remoção de ninhos de abelhas e marimbondos; insetos podem apresentar riscos

Abelhas e marimbondos desempenham papel fundamental na natureza, mas podem causar riscos à saúde humana. Por isso, é importante tomar cuidado no momento de retirar esses insetos de residências.

Fonte: G1

Em caso de cachopas, colmeias de marimbondos e abelhas, que seja acionado o Corpo de Bombeiros via 193 para que seja feita a vistoria e posteriormente a retirada e captura desses animais ou até mesmo o extermínio se for necessário”, explica o Corpo de Bombeiros em nota (Barros, 2022).

Faz de conta que você está participando de uma palestra²³ e se depara com uma cena curiosa. Uma psicóloga que se propõe ao papel de lhe ajudar a lidar melhor com suas emoções, a se conhecer e, por meio disso, alcançar seus sonhos com maior leveza e saúde mental. Com voz aveludada, ela te mostra, por meio de dicas/orientações, como os adultos podem lidar com a raiva de crianças.

*Essa é para você que é educadora, cuidadora, mãe, pai!
Não sabe o que fazer quando seu filho, sua filha tem um ataque de fúria, sente raiva e esperneia, grita, joga as coisas?
Para trabalhar a regulação emocional dessa criança, nós da psicologia temos uma técnica e eu vou ensinar aqui para vocês hoje, prestem atenção.*

²³ O discurso apresentado a seguir foi extraído do diário de bordo do autor.

Se aproxime da criança e pergunte se ela gostaria de ser abraçada. Diga que você está querendo um abraço, você pode pedir ou simplesmente perguntar se ela gostaria de ser abraçada. Diga para ela notar o calor que é gerado através desse abraço, que preste atenção no som dos corações batendo. Depois de alguns segundos, pergunte como ela está se sentindo e como foi estar junto com você nesse momento especial. Depois eu quero ouvir de vocês se deu certo, hein? Se foi bom...

Contra esse abraço-contenção não há escapatória, os fios dessa trama estão muito bem alinhavados, a droga da moral²⁴ corre nas veias dessas instituições de forma veloz e com alto teor de precisão. A regra é precisa, não se deve sentir raiva, ela pode ser fatal. Cabe uma discussão sobre governo/ medicalização/psicologização da vida, das infâncias aqui? O que essa psicóloga recomenda é mais um exemplo de como há barreiras em torno dessa emoção, ela não está só, não é uma prescrição individual, opera isso como estratificação sedimentando o lugar da raiva. A psicóloga está investida por um mandato social de pacificação pela individualização dos corpos.

A palavra de ordem é reprimir a raiva, individualizando, culpabilizando a raiva e quem não consegue conter o bicho da raiva de maneira adequada. Se você sentir, o problema é seu. Se expressá-la, é você que tem problemas, não sabe lidar com (suas) emoções. Nesse sentido, aquela psicóloga é mais uma encarregada na execução do projeto neoliberal *happydemocrático*: governar pela individualização (também da emoção), abraçá-la como uma boa mãe cuidadora e entregar ao embotamento, anestesia, silenciamento. Ao terminar a prescrição, pede um retorno de como foi a experiência. Posso dizer que depois desse abraço, ninguém morreu (talvez alguns, enraivados por demasiado, morreram de fome), mas as forças germinativas raivosas não foram protegidas, minguaram. Ei, você tem raiva? Tem fome de quê? Uma coisa é certa, nessa prescrição, conter e matar (a fome, a raiva) equivalem-se (Coutinho et al, 2024).

A raiva é comumente associada a hostilidade. “Não acredite em tudo que você sente”, dizem os especialistas nas emoções, adultos razoáveis – que conseguem manejar a sua raiva muito bem, presume-se, conseguem? E recomendam encontrar o equilíbrio para ter uma vida plena e significativa, funcional. Equilíbrio interno, individualista. Puro flerte com a agenda neoliberal: administrar a vida, inclusive as emoções, o que significa também aderir ao projeto de medicalização da vida também em sua faceta farmacêutica e seguir anestesiando-se (Couto, 2009).

²⁴ Ver mais sobre essa locução em Carmo (2021).

Em que(m) confiar a educação emocional das crianças? Nesses profissionais que, como tratores ou como reformistas escolares para sempre mais uma visita/monitoramento das boas condutas e bons serviços, aram a terra para que cresça a soja, a monocultura da vida? Em adultos que supostamente têm a razão e assim são razoáveis, mas que, na verdade, vivem as emoções como quem dirige um carro desgovernado, sendo que as principais vítimas de seus atropelos são essas próprias crianças? Na raiva (em nós) é que não se pode confiar. Ela é girassol, é poema, é crônica de uma vida outra. Sua terra se ara no braço, no corpo-a-corpo. Raiva faz corpo, coletivo.

Figura 6 – Manejo com crianças-marimbondo

V¹ **Jornal do veneno**

Entenda como solicitar contenção de crianças raivosas e marimbondos; essas ameaças podem apresentar riscos

Crianças, mesmo que raivosas, desempenham papel fundamental na sociedade, mas podem perturbar os adultos. Por isso, é importante tomar cuidado no momento de manejar esse comportamento.

Fonte: Dados da pesquisa²⁵

Em caso de cachopas e enxame de marimbondos ou crianças, que seja acionado **psicologia** via 193 para que seja feita uma vistoria ou análise e posteriormente a retirada e captura desses animais ou emoções ou até mesmo o extermínio se for necessário”, explica a psicologia limpinha em nota.

Raiva!

“Os sintomas incluem febre, dor de cabeça, salivação excessiva, espasmos musculares, paralisia e confusão mental” (BRASIL. Ministério da saúde, n.d.). Como não se sentir assim, com raiva? Higienismo, guerra, genocídio, inimizade, brutalismo, matança consentida. “Sentir raiva em situações de opressão ou injustiça social é um afeto central para o encorajamento à mudança” (Gimbo, 2023, p. 8). Ao contrário do que certas práticas psi têm advogado, nosso argumento é o de que precisamos da raiva, de seu contágio, de seu enxame para que seja

²⁵ Notícia alterada com altas doses de ironia. Se o G1 publicasse uma entrevista com especialistas da psicologia limpinha, quão *fake* seria essa notícia alterada?

possível brotar vida em germinação num cenário em que o ódio e a paz implementaram a ordem, o progresso, a morte. Assim, a raiva pode ser pensada como agenciamento coletivo, como modo de fazer corpo e comum frente à violência das opressões e injustiças que nos atravessam e nos furtam qualquer deriva e qualquer composição minoritária. Não se trata somente da ordem do organismo ou do indivíduo, raiva é composição, afeto de enxame. Faz corpo com cheiro de gente. E gente é para viver, já diria Caetano²⁶. Já que o desejo é que vivamos feito bicho, assim o faremos!

“Pois! A psicologia é um vexame” (Favero, 2022, p.220) e a raiva aqui, um enxame. A criança, desde pequena, é vista como esse animal selvagem, no qual a educação opera sua principal função, a de civilizar; a emoção, por sua vez, é coisa dos bárbaros, dos povos ‘primitivos’, das mulheres, dos loucos, das crianças, coitadinhas. Caso sintam alguma coisa, vamos então abraçá-las, contê-las. Ao aderir a esse projeto de civilização e sua trama político-afetiva, a criança vai se constituindo humana. Nesse caso, ocorre o apoderamento da razão, enquanto ocorre o controle e aniquilamento do animal, das emoções, dos espasmos corporais. Não é à toa que nossos gestos se tornam hábitos; não é à toa que se produz essa imagem da raiva ligada à besta, à fera, ao descontrole, a algo que tem de ser abandonado em nome da humanidade e de sua moral e dos bons costumes cívicos. Sim, humanos, quem pode recorrer a esse título? O selo humano-gente-pessoa não é distribuído a qualquer um e, às vezes, pode até abandonar alguns com qualidade para sê-lo. Raiva atíça bicho. Pensar a raiva como enxame é trazer o animal (aqui, marimbondo) com toda a sua periculosidade. Já foi ferroadado por marimbondos? Se gostam tanto de abraçar, por que não fazem isso com as casas de marimbondo? Quero ver se os pacificariam!

Somos lidos como ameaça, e não é à toa: remexemos o conforto e a paz do absurdo, somos muitos e nos espalhamos, migramos para levar esse enxame adiante. Raiva como esse afecto coletivo, com grande capacidade de contagiar. É essa potência de enxame marimbondo que a civilização teme e pede arrego para a psicologia, que vexame. Pensam que nossa raiva é nosso descontrole. Daí a urgência pela contenção, mas, no enxame, a organização é imprescindível, formamos alianças em devires minoritários, nos juntamos em companhias afetivo-teórico-políticas-conceituais para que nossos germes possam inventar um novo mundo.

[...] “afecto” (diferente de afeto ou sentimento, que são emoções psicológicas, pois, aqui, trata-se de uma emoção vital que tem a ver com afectar, no sentido

²⁶ Canção *Gente* - Veloso *et al.* (2023).

de tocar, contaminar, perturbar). Estes não têm nem imagem, nem palavra, nem gesto que lhes correspondam e, no entanto, são reais – eles dizem respeito à dimensão viva do mundo, cujos efeitos compõem um modo de apreensão extra cognitivo, o qual denomino “saber-do-corpo”. E se também esta é uma experiência da subjetividade, ela nada tem a ver com a experiência de um indivíduo; tampouco existe nela a distinção entre sujeito cognoscente e objeto exterior. É que nesta dimensão de nossa existência somos parte do corpo vivo do universo – ou melhor, pluriverso – e não há separação entre nós e toda espécie de elementos que o compõem numa variação contínua. O mundo “vive” efetivamente em nosso corpo sob o modo de afectos e perceptos e integra sua/nossa composição, impulsionando o processo incessante de recriação de nós mesmos e de nosso entorno. (Rolnik, 2016, p. 11)

Com efeito, é imprescindível pensar a raiva como uma experiência extra-pessoal, “não de ordem interior, pois existe para além dos sujeitos que as vivenciam” (Rocha, Kastrup, 2009, p. 386). Sua condição vital aparece justamente por nos contaminar, funcionar como a centelha capaz de inflamar, pôr em combustão isso que nos faz vivos, uma experiência que agita o mundo, produz movimento, nos coloca em ação (Rolnik, 2016).

O enxame permite flexionar a raiva para que deságue em coletivo. Somos ameaça por justamente remexermos o conforto e a paz do absurdo de viver essa vida apequenada numa certa configuração capital de nós mesmos. Tombamos – também pela sedução ao mercado, do qual o ‘psi’ faz parte –, mas somos muitos e nos espalhamos, migramos para levar esse enxame adiante. Raiva como esse afecto coletivo, como emoção vital com grande capacidade de contagiar, é essa potência de enxame marimbondo que o pacto civilizatório tanto teme e pede arrego para a psicologia, que vexame. Pensam que nossa raiva é nosso descontrole. Daí a urgência pela contenção. Porém, no enxame, a organização é imprescindível, nos articulamos a devires minoritários, nos juntamos em companhias afetivo-teórico-políticas-conceituais para que os germes que habitam em nossas frágeis asas possam ter língua e expressão.

Por fim, o que intentamos fazer foi pensar a raiva como uma experiência extrapessoal, impessoal, irrepresentável. Sua condição vital consiste justamente no perigo de contaminação por germes de mundos outros, por movimentos de deriva subjetiva. A raiva pode funcionar como centelha capaz de inflamar, pôr em combustão isso que nos faz vivos, uma experiência que agita o mundo, produz movimento, nos coloca em ação (Rolnik, 2016). Ei, você que (não) tem direito de sentir raiva, que tal se deixar ferrear pelas forças raivosas – perdoem-nos o adjetivo – do mundo?

Figura 7 – “Soco soco vira vira” de Céu Isatto



Fonte: www.ceuisatto.com

4.3. Soco, soco, vira, vira²⁷

O que te desejo é uma covardia feroz!
Que grite, rosne, abocanhe e mastigue
Faça fissuras entre seus dentes
Afie suas presas
Maximize o estrago
Se lambuze no sangue
Sinta o gosto de ferro e o deixe escorrer por seus orifícios
Infectado e infestado por eles, você já está
Agora só se delicie com esse caldo grosso
Seu ataque vem de baixo
Por onde mais seria?
Que seja também das sombras, sorrateiro e inesperado
Morda onde sangue mais
Se der, triture
Rompa o silêncio fúnebre
Rasgue para expor este absurdo
Você não é deste planeta
Aonde achou que estava vivendo?
Seja baixa, bixa, covarde, frágil e desprezível
Só assim vai poder se alimentar deles²⁸

Nota: a violência aparecerá! E é importante que seja vista. A abordagem aqui não é trivial. Explico o porquê: a trama não se encerra na denúncia. Abraçando não a raiva, mas o entendimento de que violência é de responsabilidade de quem a produz, evocamos a “redistribuição da violência” junto a Mombaça (2021). Para isso é importante pensar, em primeiro plano, sobre o que a autora entende por *fim do mundo*. O verbo pensar é empregado aqui como corpo, pensamento-corpo. Não há como associar essa empreitada a um mero esforço

²⁷ Inspirado na obra "Soco soco vira vira" de Céu Isatto.

²⁸ Poesia de Ariel Fialho, acervo pessoal.

do cognitivismo. Isso é, de fato, uma tentativa de organizar a raiva para virar pensamento-arte-corpo (Aun, 2021). Mas que destruição é essa, do que se trata, o que se pode surgir com isso? Pois bem,

[...] a ideia de um fim de mundo, tão cara aos mundos que aprenderam a se reinventar, quando capturada pela lógica destrutiva do capitalismo e seu fetiche de um apocalipse final, acaba por impor a fraseologia acerca de um planeta que se confundiria com esse mundo. Aqui a pergunta não pode ser outra: o que acontece quando nos deparamos com o fim deste mundo como o conhecemos? (Mombaça, 2021, p. 7).

Pôr um fim, acabar; não há nada que possa ser salvo. Também, não se trata de uma apologia a uma destruição qualquer, da banalidade que poderia vir a ser a poética de uma ‘destruição criativa’, nem há espaço para que algum projeto de redenção ganhe corpo. Não há fórmula que comporte esse trabalho contra as obras ‘pacíficas’ do poder. Pensar no fim do mundo como ele é diz sobre uma transição (justamente porque o fim deste mundo não diz respeito ao fim da linha). Para fazê-la, é necessário um cuidado que seja solvente, que faça a trama das coisas que deterioram, que observe atentamente a latência da ruína, que sature a rachadura da paisagem e faça acomodar em lava o mundo de sentidos, imagens e instrumentos de poder que, do mesmo modo que a descolonização, essa transição pede que incendeie (Mombaça, 2021). Dessa maneira, essa escrita pode vir a ser uma “[...] ocasião para encontros – quem sabe – perigosos: riscos, como aqueles de um ponto riscado, mapa que nos leva a lugares que ainda não são, a partir dessa encruzilhada em que nos posicionamos, reconhecemos e saltamos” (Mombaça, 2021, p. 7).

A redistribuição da violência é necessária, porque há violência. Além disso, a relevância se dá em função de como ela é operada, o que se nomeia aqui como regime de distribuição desigual da violência. Ela “constrói corpos cismasculinos como intrinsecamente viris – [e] é responsável, numa escala micropolítica, pela manutenção do medo como base das experiências trans, dissidente sexual e feminina para com o mundo” (Mombaça, 2021, p. 61). Esse sistema é composto, pois, por “armadilhas cujos efeitos são sempre mais destrutivos para aquelas pessoas não amparadas pela infraestrutura da branquitude” (Mombaça, 2021, p. 31), masculinidade, cisgeneridade ou quaisquer dissidências que possam afrontar à norma. Diante desse cenário, da edificação e tenacidade da estrutura, “é comum que nos vejamos presas à circularidade do poder” (Mombaça, 2021, p.58). Isso aponta para uma das muitas questões que circunscrevem a tarefa que é: como operar pela redistribuição, como fazê-la se instalar dentro dos coletivos aos quais estamos inseridas?

Na psicologia, nas universidades, fazendo ciência, com as manas, nas cidades, nos interiores, em cada esquina. Redistribuição é tarefa que carece de companhia, a individualização fica a cargo do neoliberalismo, tal qual o eu e a coalisão/armadura identitária, seus primos-irmãos. Conceição Evaristo, pesquisadora, escritora afro-brasileira, concedeu uma entrevista ao *podcast Mano a Mano* e trouxe, em termos práticos, um exemplo de redistribuição no que diz respeito a essa quebra da circularidade do poder. Isso pode ser verificado quando ela articula que

O texto é uma maneira também de se vingar um pouco. Para mim, a literatura também é meu espaço de vingança, entende? Não só pelo texto em si. Toda minha família, minha mãe e minhas tias, primas, trabalhavam para famílias tradicionais de Belo Horizonte. Minha mãe trabalhou na casa de duas irmãs que eram escritoras. Alaíde Lisboa de Oliveira e Henriqueta Lisboa de Oliveira, o pai dessa senhora foi padrinho da minha irmã mais velha. Naquele momento ainda existia um sistema que as pessoas pobres e negras davam os filhos para os patrões batizarem, na expectativa de receber proteção, e, na verdade, continuavam ali trabalhando na casa daquelas pessoas. Minha outra prima trabalhou na casa de um grande pensador mineiro, Eduardo Frieiro. Passaram-se anos, e eu também vou lidar com a escrita. Então, eu sempre digo que a minha literatura me persegue desde o ventre materno, quando a minha mãe vai trabalhar em casa de família, quando eu mesma trabalho em casas de famílias proeminentes. E hoje eu tenho a oportunidade de, por exemplo, no arquivo que foi publicado em Belo Horizonte, já há bastante tempo, o livro que trata de escritores mineiros. O meu nome está na mesma obra que traz nomes de escritores que foram patrões de minha mãe, ô gente, tem vingança melhor do que isso? Não tem! Não derramei uma gota de sangue. Ganhar dinheiro com isso, é a vingança da vingança, a vingança possível.

Pode um texto acadêmico coadunar com Evaristo (2020), Mombaça (2021) e outras aliadas para que seja algo além de um amontoado de páginas, mais que uma dissertação disponível do repositório da Universidade? Aposto na feitura das crônicas, no fiar dessa pesquisa como um ensaio à redistribuição. Um *cavalo de Tróia*, uma encomenda a ser entregue. Da ciência hegemônica, dos especialismos assépticos, às linhas de fuga: bem-vinda, sujeira.

5. A QUEDA, CORDA BAMBA OU... AS LINHAS QUE NOS (TRANS)FORMAM

*Respeitável público, um show tão maluco, essa noite vai acontecer, aqui a gente vai armar um circo, um drama com perigo... E nessa corda bamba quem vai caminhar sou eu. E venha ver os **deslizes** que eu vou cometer. E venha ver os amigos que eu vou perder. Não tô cobrando entrada, vem ver o show na faixa. Hoje tem open bar pra ver minha desgraça. Extra! Extra! Não fique de fora dessa. Garanta seu ingresso pra me ver **fazendo merda**. Extra! Extra! Logo, logo o show começa. Melhor do que a subida, só mesmo assistir à queda (A queda, 2022).*

CENA 01| Uma foda suja (Graduação em andamento)

Deparei-me com a sujeira antes da composição “psicologia suja”, de Sofia Favero (2022). Pelo que sei, esse lembrete chegou depois de uma foda casual. Fui para a cama com duas instituições potencialmente letais, a psicologia e a polícia²⁹, nada pode prosperar. Depois de seguir o curto e tradicional roteiro, fui para casa. Tempos depois, recebi uma mensagem no celular que dizia mais ou menos assim: “Ei, você está **limpo**?” [O que eu gostaria de ter lido era: “Transamos sem camisinha, você testou recentemente? Vamos conversar?”]. Em vez disso, ele inferiu que eu poderia ter alguma infecção sexualmente transmissível (IST) (portanto, sujo, o outro).

Sequer comentou como ele se relaciona com testagem, se já transara sem camisinha outras vezes. A questão era eu, alguém a se culpabilizar. Fiquei perdido, sem saber como reagir (esse sentimento me acompanha). A raiva veio depois? Acho que estava gestando uma emoção ali.

Lembro que compartilhei o ocorrido com a minha psicóloga da época. Em tom de ironia, ela sugeriu que eu respondesse: “Estou limpo, costumo tomar banho com certa frequência”. Mas a conversa já havia se encerrado. Acabei aceitando a encomenda dele. Respondi que fiz testes recentes, deram negativos e que ele poderia fazer o mesmo, que fôssemos mais cuidadosos. Ele não aceitou a encomenda, nunca quis dizer da **sujeira** dele. Nunca mais encontrei com Narciso (ele tinha tatuado o próprio nome no corpo). Discreto e fora do meio, o moço navegava entre as águas quentes e límpidas da psicologia e polícia.

²⁹ “A polícia no Brasil é uma das únicas facções criminosas que é responsável pela investigação de seus próprios crimes” (Mombaça, 2021, p. 63).

Curioso é que Narciso reivindica a ideia de limpeza, mas não sabe ele que tudo o que fizemos ali seria facilmente considerado impuro, sujo e nojento? Essa nossa foda casual, e insisto em chamar de foda, já é abominável à cristandade – nada de sagrado ou puro foi feito ali – não esperamos pelo casamento, nem conseguiríamos gerar um embrião, mesmo se quiséssemos, inclusive. Talvez só lembre de seu nome hoje por causa de seu culto a tal, em forma de tatuagem. Duas *bixas*, dois paus, dois cus. Transamos com merda em maior ou menor grau. Será que a pergunta se referia, na verdade, se eu tinha me sujado para além do esperado? Veio me questionar se eu era sujo, se eu fazia isso que fiz com ele com mais pessoas, se eu exercia a promiscuidade de que me acusam como *bixa*, se eu tinha algo de contagioso, tal qual acusam a minha sexualidade.

“Brasil registra dois casos de câncer gay” (FIOCRUZ, s. d.). É a primeira matéria publicada no Brasil sobre o vírus recém-descoberto. Nunca foi preciso um vírus específico para nos verem como ameaças contagiosas, contaminadas e sujas. Não foi o vírus que nos marcou, perseguiu, expulsou e matou, o *triângulo rosa*³⁰ já tinha sido usado antes como tecnologia. O ‘vírus gay’ é, no máximo, uma geração mais avançada dessa mesma tecnologia³¹. Muitos nomes associando LGBTQIAPN+ à doença, à peste, à morte foram inventados nesses 43 anos de epidemia de HIV³², um deles é particularmente preciso em mostrar a lógica que enviesava tais nomes: ‘doença dos 5H’³³ — Homossexuais, Hemofílicos, Haitianos, Heroinômanos e *Hookers*³⁴.

Homossexuais, pessoas trans, travestis, usuários de drogas, haitianos e profissionais do sexo. Uma doença muito bem-intencionada, ou melhor, endereçada. Ela surgiu nesse designado lixão social ou veio para exterminá-los? Não importa tanto aqui, era uma doença *sobre viados, travecos, imigrantes, drogados, putas e as vítimas desse sangue sujo*. Não se sabe o que é pior para o imaginário da ‘família tradicional brasileira’, mas a imagem de um filho seu associado a qualquer um desses ‘H’ é horripilante, também com ‘h’. Qualquer *fake news* que seja feita

³⁰ Símbolo usado para marcar os homossexuais na Alemanha-Nazista. Os judeus eram marcados com estrelas de seis pontas.

³¹ A etiologia do vírus como uma geração mais avançada dessa tecnologia.

³² Referindo-se à descoberta do vírus em 1980 e a epidemia global declarada desde 1981.

³³ Ver nota 25.

³⁴ Prostitutas em inglês.

associando uma criança, um filho a qualquer uma dessas categorias, se alastraria de maneira impressionante, como a famigerada “mamadeira de piroca”³⁵.

Todos nós LGBTQIAPN+ tivemos de lidar com nossa imagem associada a algo sujo, pecaminoso, impuro, depravado; talvez na igreja, talvez na mídia, talvez na família. A grande maioria de nós ou teve de varrer essa nossa sujeira para baixo do tapete em algum momento (embotando nossa sexualidade, identidade e desejos no âmbito do inominável), ou foi expulso de casa antes que toda essa nossa podridão contaminasse o ambiente e formasse o miasma que esse discurso higienista tanto teme.

A grande crítica feita pelos higienistas, baseada nas suas observações do meio ambiente, assim como o meio social, no desenvolvimento das doenças, eram as condições de salubridade, ou melhor, da sua ausência, nas cidades industriais e nas condições de trabalho e de vida do operariado industrial: pobreza, assistência social, moralidade, etc. Dessa forma, os higienistas desenvolveram um novo conceito de cidade, sob alguns aspectos inovadores, mas com outros muito próximos ao pensamento policial do século anterior, onde a pobreza, miséria, eram diretamente relacionadas com delinquência, criminalidade, sendo o combate à miséria ser considerado como caso de polícia (Corrêa, 2011, p.4).

É nessa divisão entre limpo-sujo, operada pelo discurso higienista, que as cidades vão se compondo. Usando-se de estratégias como a violência policial, extermínio da população preta e a gentrificação, várias operações de limpeza vão surgindo com o objetivo de dar cabo das classes perigosas, dessa nação subterrânea que enfeiam a cidade e causam tumultos (Rodrigues e Oakim, 2015). Esse “higienismo atuou sobre grupos de pressão social com o fim de estabelecer a lei e a ordem, levando à estigmatização ‘do corpo sujo, feio, negro onde aborígenes, camponeses e despossuídos’ foram submetidos por esse dispositivo” (Arévalos, 2014, p. 19; Barros, 2022, p. 8).

Da mesma forma que a homossexualidade e a transgeneridade foram classificadas como anormal, patológico, contagioso, no âmbito da depravação moral, o corpo negro foi visto como o perigo para a degeneração racial. Ademais, tentou-se insistentemente reunir todos os signos manifestos dessa sujeira (a degeneração, a afeminação, a bandalheira, a criminalidade, o primitivo, a depravação) em uma só raça (Arévalos, 2014).

³⁵ “fake news bolsonarista que dominou a campanha de 2018, a chamada pauta de costumes de novo se tornou o campo fértil para disseminação de conteúdos falsos. Assuntos como aborto e ‘ideologia de gênero’ foram abordados incessantemente pela campanha de Jair Bolsonaro, candidato à reeleição” (Piauí, 2022).

Solano (1918, p. 207, tradução livre) disse, há mais de um século, em *Organización de la higiene pública*, que “Todo país civilizado sabe que a higiene é a base do progresso da nação, a prosperidade da raça, a saúde e alegria do povo e o fundamento da comodidade e da riqueza”. Esse discurso se deu em 1918, mas foi diferente nos anos 30, com a onda fascista por todo o mundo? E nos anos 80, com a descoberta do HIV? E, em 2018, quando uma outra onda fascista mundial, arquitetada desde 2016, opera golpes e tem seus frutos no Brasil? Que futuro é esse que construímos, “por que há vidas matáveis; que corpos adornam os projetos de futuro?” (Mombaça, 2021, p. 65).

As cidades são mapeadas, projeta-se vias, estruturas, limpezas, redenções³⁶ e futuros. Entretanto, que subjetividades tornam possíveis tais cidades e quais subjetividades são possíveis em tais cidades? Limpo-sujo e normal-anormal foram se tornando bases civilizatórias, produzindo marcas e formando certos padrões e coerências, por exemplo, entre sexo, gênero e sexualidade, e qualquer incoerência que fuja desse modelo padronizado aciona esses mesmos pilares civilizatórios para o extermínio da diversidade (Favero, 2022).

Como isso nos atravessa e nos compõe; que linhas vão nos traçando, formando esse emaranhado; quais dessas linhas produzem um nó que nos estagna, engessa, solidifica? A violência é uma dessas linhas duras ou é a maneira como elas mantêm esse nó tão apertado? “[...] quem seria eu sem a violência? A violência é uma forma de perceber o mundo. Ela é corpo, linguagem e inconsciente. É real, simbólico e imaginário [...] É tudo que vi durante muito tempo” (Favero, 2022, p. 84).

É a violência que nos sedimenta nessas dualidades? Burguesia-proletariado, branco-preto, homem-mulher, normal-anormal, limpo-sujo. Estamos estratificados, marcados, decalcados em um mapa social do qual não podemos divergir, desviar. Tal como as linhas em um processo de subjetivação, a violência nos atravessa, nunca se dá de um indivíduo para outro, pois nunca se inicia em um indivíduo e nem se termina em outro. Então, mais importante do que se perguntar aqui quem pratica ou praticou tal violência é questionar como a violência compõe nossos processos identitários, qual o papel dela em nossa formação. “Como a violência compõe os processos de subjetivação normativa, isso é, como o branco, heterossexual, magro, cisgênero, recorre à violência para fabricar cenas de pureza, saúde, bem-estar?” (Favero, 2022, p. 33).

³⁶ Referente ao Projeto Redenção formulado pela Prefeitura de São Paulo durante o mandato de João Dória (PSDB) para a “revitalização” da Cracolândia.

CENA 02|A sujeira na clínica

Rita chegou à clínica acompanhada pelo esposo, mas entrou sozinha no consultório. Com ar de estranhamento e, ao mesmo tempo, disposição para falar, decidiu fazer um panorama da situação para que eu pudesse me inteirar.

Violência doméstica. Dívidas. Problemas conjugais.

Faz uso de drogas (álcool, cocaína e outras combinações).

“Sou **dependente** química, mas estou **limpa** há cinco dias”, disse ela. Relatou, também, que estava fazendo desmame por conta própria e que sua preocupação era com a **recaída**.

CENA 03| A sujeira em mim (*Graduação recém-concluída*)

E quando a gente quebra, que infraestruturas se precipitam, as do cuidado ou descarte? (Em tempo, cuidar, aqui, não tem uma função reparativa)
(Mombaça, 2021, p. 34).

– Veja bem, marquei essa conversa com você porque estou acompanhando uma pessoa que veio por meio de um encaminhamento de outro profissional e acho que pode ser oportuno falar contigo. Ela foi internada recentemente em um hospital particular, tentativa de suicídio por intoxicação de substâncias. Faz uso de álcool e outras drogas, **dependente química**, disse que estava **limpa** há pouco tempo e que temia a **recaída**.

A coisa tá branca!³⁷ – Disse a porta, ao ouvir a conversa.

– Pensando com você, a primeira coisa que me chama atenção são os termos que você usou: “recaída”, “ficar limpa” e “dependência química”. E eu queria saber se são termos que ela trouxe em sessão ou que você deduziu a partir do que ela te disse? Como você chegou neles?

(Pausa)

(Continua)

– O que esses termos dizem (para além de estarem certos ou errados)?

(Silêncio)

[Breves considerações sobre rede, equipamentos de saúde e assistência]

³⁷ Referindo-se ao capítulo do livro *Não vão nos matar agora* (Mombaça, 2021).

– É importante que você possa ouvir mais sobre o suicídio e o uso da droga. Que tipo de relação ela tem com a substância? O que provoca/sente? Quando começou a usar? Quantidade e frequência? Com quem costuma usar? Onde compra? Quem sabe sobre isso?

– Seria importante entender isso antes de sugerir qualquer alteração ou encaminhamento.

Mesmo eu, considerado sujo por ser dissidente de gênero, por um deslize, caí justo na armadilha da assepsia. Será que minha brancura me deixa mais suscetível a esse tipo de armadilha? Não é ocasional, uma vez que “fui tramada em extremos de força. E, como a bicha mesmo, disse: somos exterminadoras e exterminadas” (Mombaça, 2021, p. 32). Quando me perguntaram se os termos que apareceram na sessão foram ditos por ela ou são deduções minhas, posso perceber o nó que a linha dura fez em mim, faz em nós. E mais: vale a pena salvar-me de coisas das quais não posso ser salvo? Esse nó tende a apertar e fixar-se cada vez mais.

Termos ditos por ela e reproduzidos por mim ou pura dedução psi? A resposta não importa tanto, mas sim o absurdo que torna essa pergunta possível. “Não podemos construir o que não podemos imaginar” (Mombaça, 2021, p. 67). Os termos não foram criados por mim, mas era por eles que eu estava pensando “o caso”, que estava sendo formado. Mesmo que eles tivessem sido ditos por ela e repetidos por mim, as nossas línguas já haviam sido cooptadas pela limpeza, pela moral, pelo desejo de salvação. Renuncie a uma droga e tome essa outra que lhe redime e pacifica, que lhe dá ‘clareza’ (Carmo, 2021). A psicologia trabalha com desgraça ou ela é a própria?

A preocupação era com a ‘recaída’ dela (e olha que a queda aqui é minha), não com o que a droga significava na vida dela e a função que desempenhava. Largar a cocaína era o que ela precisava naquele momento? Meu lugar é o lugar da moral, de dizer o que é bom e o que é ruim? Capturado pela busca da purificação, a lógica da Redução de Danos (RD)³⁸ só veio até mim depois. Desse modo, outras estratégias poderiam fazer parte do circuito do cuidado – diminuir, fracionar, pensar sobre com quem usa, onde compra (se é exposta a algum risco adicional aqui.; no sentido da logística, a droga chega até ela ou precisa ir buscar?). São muitas

³⁸ Redução de Danos (RD) é um conjunto de estratégias práticas e políticas que visa minimizar os riscos e danos psicossociais, econômicos e biológicos derivados do consumo de substâncias psicoativas (SPAs), sem necessariamente diminuir ou extinguir o consumo (Pereira *et al.* 2020, p.2)

possibilidades antes de pensar na interrupção ou em uma abordagem proibicionista. Poderia a minha imundície desejar a pureza? Poderia ela ficar incólume da própria sujeira? Um sangue que, até pouco tempo, servia apenas ao descarte³⁹.

Que clínica é essa? De quais estratégias faz uso? Seria possível, então, elaborar (juntos) outras possibilidades de cuidado? Quais outros recursos podem ser úteis? O que aconteceu ali, de fato? Uma equiparação do uso da droga com a violência que ela sofria? Não é a droga, pelo menos não o uso isolado dela, que dá a gravidade da situação.

Mulher! Mulher, vítima de violência doméstica. Era o que eu esperava dela. Não há dúvidas de que “o fator condicionante desse trabalho é, precisamente, o reconhecimento de que as assimetrias entre posicionalidades não consistem numa falha da sociedade instituída, mas, mais precisamente, na matéria mesma de que tal sociedade é feita” (Mombaça, 2021, p. 39). Mulher, vítima. Cecília Coimbra e Ana de Abreu (2018) advertem sobre o risco de naturalização da figura da vítima dada de bandeja para mais uma violência: a do escrutínio por “aqueles que detêm o saber sobre a verdade da escuta da vítima” (Idem, p. 94).

[...] talvez seja necessário começar a ousar questionar o estatuto de vítima, assim como também o status social e os interesses políticos daqueles que se ocupam das chamadas vítimas. Novamente, isso não quer dizer ignorar as experiências trágicas por que passam as pessoas, tampouco os múltiplos processos de estigmatização, discriminação, marginalização, patologização, confinamento, opressão e extermínio a que muitos estão sujeitos, (...). Questionar o estatuto de vítima, é também questionar o governo por individualização; é questionar a objetivação de saber que lhes é conferida e buscar nessa posição de fraqueza a eles atribuída a possibilidade de uma força mais ativa e menos reativa. (Reis, 2015, p.146)

As autoras, Abreu e Coimbra (2018) posicionam a ambiguidade de nossa raiva e das posições psi – trata-se, mesmo, de uma questão política, de uma tomada de posição. As autoras consideram o risco daquelas e daqueles que sofrem violência serem capturadas pelas forças do ressentimento geradoras de conservadorismos e fascismos, ou seja, que a raiva capturada como emoção psicológica e reativa, caçadora de culpados, passe a também violentar, a fagocitar

³⁹ Até pouco tempo, homossexuais não podiam doar sangue, pois essa ação era aceitável apenas a heterossexuais. “Homo” (e outras categorias), por si só, já era um critério de exclusão. “Teoricamente toda pessoa entre 16 e 68 anos pode doar sangue, mas não é bem assim, o processo tem algumas restrições”, explica Felipe Suhre, jornalista em matéria sobre doação de sangue no Hemorio. Estas restrições dizem sobre as exigências do Ministério da Saúde, estabelecendo requisitos e impedimentos ao processo. No ano em questão, estavam impedidos de doar sangue os grupos considerados de risco, homens homossexuais, profissionais do sexo e usuários de drogas injetáveis (HEMORIO, 2011).

qualquer resistência aos aparelhos estatais e mercadológicos: individualização, penalização, criminalização, sublevação da potência de matilha, da força marimbonda e *viada* inventiva e criativa que é capaz de diferir, inclusive, de si própria. Permita que falemos, e não só as nossas cicatrizes (AmarElo, 2019). Permita, você especialista, dar passagem à nossa raiva, não a abrace nem a individualize, não queira me identificar e fazer do nosso corpo coletivo um organismo identificável, catalogado no zoológico psi.

Mulher, vítima. Quais são os absurdos que nós estamos acostumados a ver e ouvir? Ela era a usuária, não o esposo. Um projeto de redenção⁴⁰ que consistia em resgatá-la da sujeira em primeiro plano e depois deixá-la só com a violência doméstica. Como mulher violentada, ela não sai do padrão, mas, como drogada, sim. Isso posto, poderíamos questionar “como, então, cuidar dos processos destrutivos, sem pará-los em nome dos ideais de saúde, progresso, moralidade, normalidade e civilização que constituem a base do texto colonial?” (Mombaça, 2021, p. 61).

Que outros entendimentos de cuidado são possíveis? Já é muita coisa nos desentendermos dos especialistas fabricantes de indivíduo. Um entendimento de cuidado que não passe por essa moralidade límpida, que se escandaliza com qualquer sinal da sujeira ou que nem abre espaço para que ela adentre o espaço clínico. Quais temas têm a ver com a clínica, quais aparecem nessa prática profissional, quais podem surgir, quais nunca apareceram, quais nos assombram? Conseguimos acompanhar processos nos quais nem podemos imaginar?

É possível que fazer transição, assim como descolonizar, demande uma forma de cuidado que seja solvente, isto é: que faça a mediação das coisas que deterioram, acompanhe a duração da ruína, adense a rachadura do horizonte e faça assentar em lava o mundo de sentidos, fórmulas, figuras e obras do poder que toda transição, assim como toda descolonização, demanda que queime. (Mombaça, 2021, p. 60)

É na urgência de escapar a toda essa estratificação asséptica, ao me deparar com toda essa imundície; é na necessidade de que algo rompa, de que esse emaranhado de relações em forma de nó se desfaça, que uma linha de fuga tem de funcionar como guia nesse mapa⁴¹ que contém a geografia política da vida (Cassiano; Furlan, 2013). Essa trama acontece por meio de uma composição em fuga, de sujar a psicologia com as forças da vida como já bem delineou

⁴⁰ Um psicólogo que se pretende de esquerda panfletando discurso do PSDB?

⁴¹ Referindo-se à cartografia.

Favero (2022), de sujar a psicologia com afectos descabidos como uma raiva colossal que, há muito tempo, vem sendo abraçada, contida.

Na tentativa de lambuzar os jogos de verdade constituídos historicamente, emporcalhar uma psicologia até que nada possa ser salvo, para que não haja redenção ao que é da ordem do limpo, branco e reto⁴², para que se abandone um ideal de assepsia de um discurso higienista, já que, como nos alerta Favero (2022, p. 103): “Excesso de limpeza adocece”. Excesso de amor benevolente, de paz, de ordem e progresso, também. Como já foi dito, o convite é o de que façamos da raiva um processo desejante também para as práticas psi.

Todavia, a psicologia almeja uma neutralidade, uma neutralidade política da qual supostamente não pode se posicionar, uma neutralidade estética da qual não se pode chamar a atenção, não se pode incomodar; uma neutralidade sonora, de uma fala mansa, na qual não pode se indignar e muito menos enviar⁴³. Uma neutralidade, quiçá, emocional e cognitiva, ensejando modos de sentir, de pensar e de fazer. Querem um cadáver atendendo, um defunto que escute absurdos e continue confortável na cadeira, sem linhas de expressão. Sinto raiva, como quem grita: estou vivo!

A ilusão de uma neutralidade só é possível quando se faz uso das práticas naturalizantes, neutralizantes e até positivantes. Só se vê um campo vazio quando se tem naturalizado a ideia de uma terra planificada. Só não chamamos a atenção e não causamos impressões fortes quando estamos muito bem adequados a uma masculinidade, feminilidade, cishetronormatividade. O branco só pode ser visto como superfície neutra, quando se está naturalizado todo o processo da pintura. Só se acostuma ao liso quando já foi colocado em prática uma série de lixamentos e de apagamentos de outras texturas. Podemos pensar em uma psicologia que aceite diferentes níveis de aspereza? Uma que provoque, que assombre, que denuncie o modo precário no qual as subjetividades direitas e não-raivosas são formadas?

[...] deveria caber a psicologia desenvolver estratégias de assombramento, de perturbação, de convite ao primitivo. Abrir espaço para o sujo é fechar espaço para o nefasto. A sujeira é agressiva, mas a limpeza é verdadeiramente violenta. Foi a busca pela purificação que fez com que incorporássemos uma cosmologia colonial, imperialista, sanguinária. (Favero, 2022, p. 24)

⁴² Brincando com a palavra *Straight* em inglês que, ao mesmo tempo, significa hétero, reto, direto, direito, ereto, seguido, sério, honesto, em ordem, limpo, sincero, contínuo, justo, lógico, desempenado, arrumado, ininterrupto, diretamente, em linha reta, imediatamente, verticalmente, honestamente, sem demora e liso; mas aqui também com a intenção de magro, previsto, previsível, linear, o normal, o padrão.

⁴³ Voz anasalada.

Quais linhas compõem essa trama da vida psi, quais, mesmo que duras, ainda servem de ponto de equilíbrio e quais enrijecem o caminho, traçam o destino e se apoiam na violência? Quais linhas podemos compor que ajam como ponto de flexão, que tensionem, que possam romper, possam atuar no desenlace da violência? Uma linha de fuga que, inclusive, provoque um tensionamento que revele quais linhas em todo esse emaranhado são maleáveis e podem compor/agenciar com essa fuga e quais são duras e não suportam o desvio/deriva. A aposta em uma psicologia suja e raivosa como fuga é exatamente esta: que tensione, que denuncie práticas psi que não conseguem dar conta da sujeira, das experiências LGBTQIAPN+, negras, indígenas, refugiadas, imigrantes, gordas, putas, pobres, usuárias de drogas sem enquadrar, formatar, limpar, disciplinar, controlar, normalizar. Mais do que denunciar, a aposta é a de que, tirando a sujeira debaixo do tapete e do afã salvacionista, dando passagem a afectos raivosos, possamos fabular outras práticas de si, outros modos de viver.

Sujar a psicologia é se contaminar com tudo isso que a máquina capitalista e colonial demarcou como dejetos, tudo isso que não tem espaço nesses projetos de futuro. É desviar desse caminho pavimentado, muito bem estruturado, com limites muito bem estabelecidos, de pureza e integridade; é cortar um nó. O que estamos experimentando, o que faremos, seria, ainda sim, psicologia? “Sossegar os afãs de olhos/ouvidos *psis*, para que sensibilidades outras sejam aguçadas, deixando-se atrair pela reverberação de sutilezas, detalhes e desimportâncias que os atropelos descuidados da verdade fazem escapulir à ilustre sabedoria da Academia”, da psicologia (Santos, 2023, p. 16). Não para munir a psicologia de outras armas, para “dar a ela novos instrumentos, mas desafiar os limites de seus contornos. Violar as regras” (Favero, 2022, p. 134).

Sujar-se é entender que as vivências LGBTQIAPN+ nunca serão toleradas, pois o que há de mais transformador nessas performatividades de gênero e sexualidade não é a pluralidade identitária, é a fissura, a descontinuidade, a provocação que faz o mundo *Straight* vislumbrar por meio de uma denúncia de que outros corpos, desejos e mundos são possíveis (Favero, 2022).

Sujar-se é “fazer fugir nos corpos o desejo em seu potencial de se libertar de aprisionamentos a estratificações [...], proporcionando aos processos de subjetivação uma via de experimentação não decaída em armadilhas identitárias” (Rocha; Sales 2018, p. 174). Sujar-se para tirar de vez a psicologia das mãos de homens brancos, magros, heterossexuais colonizadores humanistas de voz mansa. Deslocar-se da política identitária ao ponto de “que não lhe aterrorize tanto uma ‘mudança’ de sexo, e para que consiga abrir espaço à sexualidade até que ela lhe assepsia menos” (Favero, 2022, p. 87).

“Se você está cheio do seu gênero, cansado de binários (menino-menina, hetero-homo, branco-não branco, animal-humano, norte-sul), além do modelo “casal romântico”, perdendo as esperanças no capitalismo e vive verdadeiramente a utopia de se tornar outra pessoa” (Preciado, 2018, p. 6), suje-se, permita-se dar passagem à raiva “para inventar novas tecnologias de produção de vida e subjetividades” (Preciado, 2018, p. 12).

REFERÊNCIAS

A QUEDA. Intérprete: Glória Groove. Compositores: Matheus Santos, Gloria Groove, Lukinhas, Pablo Bispo, Ruxell. *In*: [Single]. São Paulo: SB Music, 2022. *Streaming*. 2m52s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BpxrvcYDnf4>. Acesso em 22 de junho de 2024.

ABREU, A. M.; COIMBRA, C. M. B. Problematizando a Experiência Clínicopolítica da equipe Clínico-Grupal Tortura Nunca Mais. **Revista Transversos**. “Dossiê: Grupo Tortura Nunca Mais do Rio de Janeiro: três décadas de Resistência”. Rio de Janeiro, n. 12, p. 91-109, 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/transversos/article/download/33653/23885/0>. Acesso em 22 de junho de 2024.

ADUFS. ADUFS se solidariza com famílias da Ocupação das Mangabeiras e repudia descaso da Prefeitura de Aracaju. **ADUFS**, 16 de setembro de 2020. Disponível em: <https://adufs.org.br/conteudo/1963/adufs-se-solidariza-com-familias-da-ocupacao-das-mangabeiras-e-repudia-descaso-da-prefeitura-de-aracaju> Acesso em: 22 de junho de 2023.

AMARELO. Intérpretes: Emicida, Majur e Pablo Vittar. Compositores: Emicida, Felipe Vassão e Dj Duh. *In*: AmarElo. São Paulo: Sony Music e Laboratório Fantasma, 2019. *Streaming*, 8m53s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PTDgP3BDPIU>. Acesso em 22 de junho de 2024.

ARÉVALOS, J. M. S. Sociedad, cuerpo y civilización. **Asunción: Gerdisa/UAEM**, n. 1, v. 1, , p. 1-17. 2014. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/363918282_SUCIEDAD_CUERPO_Y_CIVILIZACION. Acesso em 23 de junho de 2023.

Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA). **Nota técnica sobre acesso à saúde de crianças trans**: do modelo transpatologizante ao cuidado transespecífico. Brasil: Antra, 2023.

AUN, N. **Nomear para combater**: uma tentativa de organizar a raiva para virar pensamento. São Paulo: Claraboia, 2021.

BARROS, J. A escola higiênica a partir de Foucault: reflexões para um Brasil desafiador. **Revista de Educação Pública**, v. 31, p.1-16, jan./dez. 2022. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/12056>. Acesso em 22 de junho de 2024. DOI: <https://doi.org/10.29286/rep.v31ijan/dez.12056>.

BARROS, R. Entenda como solicitar remoção de ninhos de abelhas e marimbondos; insetos podem apresentar riscos. **G1**, 16 de fevereiro de 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/noticia/2022/02/16/entenda-como-solicitar-remocao-de-ninhos-de-abelhas-e-marimbondos-insetos-podem-apresentar-riscos.ghtml> Acesso em: 15 mar. 2023.

BATISTA, L. Linda Brasil repudia despejo da Ocupação João Mulungu. Câmara Municipal de Aracaju, 24 de maio de 2021. Disponível em: <https://www.aracaju.se.leg.br/institucional/noticias/linda-brasil-repudia-despejo-da-ocupacao-joao-mulungu> Acesso em: 22 jun. 2023.

BUARQUE, C.; PONTES, P. **Gota d'água**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

CARMO, R. S. do. **Uma cartografia verde na engrenagem**: narrativas em formação no entremeio psicologia e redução de danos. 2021. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2021. Disponível em: https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/17472/2/ROBERT_SANTOS_CARMO.pdf. Acesso em 22 de junho de 2024.

CASSIANO, M.; FURLAN, R. O processo de subjetivação segundo a esquizoanálise. **Psicologia & Sociedade**, n. 25 (2), p. 372-378, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/dgLDtXKSwwqS85RSQSJpRrZP/?format=pdf>. Acesso em 22 de junho de 2024.

CORRÊA, L. S. Cidades, práticas higienistas e produção do espaço urbano. *In: Simpósio nacional de geografia urbana XVI*, 2011, Vitória. **Anais** [...] Vitória: UFES, nov. 2011. Disponível em: www.agb.org.br/evento/download.php?idTrabalho=4489. Acesso em 22 de junho de 2024.

COUTINHO, C. V.; VASCONCELOS, M. F. F.; AMORIM, A. K. M. Um feitiço sem farofa e sem vela: a insegurança alimentar como analisadora da clínica psicossocial. **ACENO**. Cuiabá, v. 10, n. 24, p. 542-556. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/aceno/article/view/15343>. Acesso em 22 de junho de 2024. DOI: <https://doi.org/10.48074/aceno.v10i24.15343>.

COUTO, E S. **Corpos dopados, medicalização e vida feliz**. In: RIBEIRO, P. R. C., SILVA, M. R. S.; GOELLNER, S. V. (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: composições e desafios para a formação docente**. Rio Grande: Editora da FURG, 2009. P. 43-53.

DELEUZE, G e GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia** - v. 1. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 1996.

DELEUZE, G e GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia** - v. 4. São Paulo: Editora 34, 1997.

DELEUZE, G. **Conversações: 1972-1990**. 1 ed. Editora 34, 1992.

DERRIDA. Direção: Kirby Dick e Amy Ziering. Produção de Jane Doe Films. Estados Unidos: Zeitgeis Films, 2003. 1 DVD.

DESPENTES, V. **Prefácio**. *In: PRECIADO, P. B. Um apartamento em Urano: crônicas da travessia*. São Paulo: Zahar, 2020. p. 9-16.

DIDI-HUBERMAN, G. **Sobre o fio**. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2019.

EIGGELMAN, M. A raiva não educa. A calma educa: Por uma geração de adultos e crianças com mais saúde emocional. São Paulo: Astral Cultural, 2022.

EMERIM, M. **Eu queria um amor pra descansar...** [S.l.]. 15 de junho de 2024. Instagram: @marceleemerim. Disponível em: <https://www.instagram.com/marceleemerim/p/C8P9yJKvPnt/>. Acesso em 22 de junho de 2024.

EVARISTO, C. A Escrivivência e seus subtextos. In: DUARTE, C. L.; NUNES, I. (org.). **Escrivivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, p. 27-46, 2020.

EZLN. Comunicado del comité clandestino revolucionario indígena-comandancia general del ejército zapatista de liberación nacional del 21 de diciembre del 2012. **Enlace Zapatista**, 2012. Disponível em: <https://enlacezapatista.ezln.org.mx/2012/12/21/comunicado-del-comite-clandestino-revolucionario-indigena-comandancia-general-del-ejercito-zapatista-de-liberacion-nacional-del-21-de-diciembre-del-2012/>. Acesso em 22 de junho de 2024.

FAVERO, S. **Psicologia suja**. Salvador: Devires, 2022.

FIOCRUZ. A epidemia da AIDS através do tempo. **FIOCRUZ**, s. d.. Disponível em <https://www.ioc.fiocruz.br/aids20anos/linhadotempo.html>. Acesso em 22 de junho de 2024.

FONSECA, T. Cartografias da ArteLoucura: a insurgência de um outro espaço. In: FONSECA, T.; ENGELMAN, S.; PERRONE, C. **Rizomas da Reforma Psiquiátrica: a difícil reconciliação**. Porto Alegre: Sulina, p. 141-151, 2007.

FOUCAULT, M. A Coragem da Verdade: O Governo de Si e dos Outros II. Martins Fontes, São Paulo, 2014.

FREIRE, M. Da Paz. **Portal Geledés**, 17 de novembro de 2017. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/da-paz-de-marcelino-freire-por-naruna-costa/>. Acesso em 22 de junho de 2023.

FREITAS, L. L. de. **Cartas d'eus**: cartografias afetivas com Linn da Quebrada. 2020. Tese (Doutorado em educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos. São Paulo, 2020. Disponível em:

<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/13526>. Acesso em 22 de junho de 2024.

GIMBO, L. M. Notas sobre a raiva: clínica gestáltica e usos do corpo. **Phenomenological Studies**: revista da abordagem gestáltica. Goiás, v. 29, n. 1., p. 1-14, 2023. Disponível em:

<https://itgt.com.br/rag/index.php/go/article/view/131/80>. Acesso em 22 de junho de 2024.

DOI: 10.18065/2023v29n1.6.

HEMORIO. Programa Mais Você – Doação de Sangue. Youtube, 10 de novembro de 2011.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iiP4dnZRKhc&t=16s>. Acesso em 22 de junho de 2024.

ISATTO, C. Combustão. **Céu Isatto**, 2019. Disponível em:

<https://www.ceuisatto.com/c%C3%B3pia-c%C3%B3pia-c%C3%B3pia-2019>. Acesso em 22 de junho de 2024.

LISPECTOR, C. **Um sopro de vida**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1978.

LORDE, A. **Irmã outsider**. São Paulo: Autêntica, 2019.

LORDE, A. The uses of anger: women responding to racism. **Sister outsider**, n. 1, v. 127, p.

131, 1984. Disponível em: [http://www.blacklivesmattersyllabus.com/wp-](http://www.blacklivesmattersyllabus.com/wp-content/uploads/2012/10/the_uses_of_anger.pdf)

[content/uploads/2012/10/the_uses_of_anger.pdf](http://www.blacklivesmattersyllabus.com/wp-content/uploads/2012/10/the_uses_of_anger.pdf). Acesso em 22 de junho de 2024.

MANO A MANO. [Entrevistada]: Conceição Evaristo. [Entrevistadores]: Mano Brown e Semayat Oliveira. Spotify Studios, 15 jun. 2023. Podcast. Disponível em:

<https://open.spotify.com/episode/4BnaMQUzUXvDo276bkHs3d?si=a1b9c6bf17b244ee> Acesso em: 17 abr. 2023.

MARCONDES FILHO, C. Elemento para construção de uma comunicologia. De como melhor compreender a comunicação considerando-a como um evento estético. **Compós**. São

Paulo, v. 26, p. 1-14, 2017. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/003037847.pdf>. Acesso em 01 de agosto de 2024.

MARTINS, L. M. **Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MBEMBE, A. **Brutalismo**. São Paulo: N-1 edições, 2021.

MBEMBE, A. **Políticas da inimizado**. São Paulo: N-1 edições, 2020.

MELO, M. R. de; VASCONCELOS, M. de F. F. de; OLIVEIRA, R. T. de M. Por Uma Infância da Escrita e da Leitura. **Revista Brasileira de Alfabetização**. São Paulo, v. 12, 64-77, 2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Raiva. **Gov.br**, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/r/raiva>. Acesso em 22 de junho de 2024.

MOMBAÇA, J. **Não vão nos matar agora**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MONTEIRO, A. L. **Apanhar desperdícios, seguir vagalumes: das travessias entre acompanhamento terapêutico, velhice e mulheres**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão. No prelo.

NIETZSCHE, F. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NOBREGA, R. F. Devir minoritário: Por uma estética da resistência. **Revista interdisciplinar em cultura e sociedade**, São Luís, v. 5, n. 2, p. 217-228, 2019.

O SONHO DE UMA FLAUTA. Intérprete: O Teatro Mágico. Compositor: Fernand Anitelli. *In*: Segundo ato. [S.L.]: [independente], 2008. *Streaming*, 5m22s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mH2j56oQefE>. Acesso em 22 de junho de 2024.

OLIVEIRA, T. R. M. de M., dança, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em Educação. In: MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. (org.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, p. 281-302, 2014.

PEREIRA, S. S. *et al.* Concepções de redução de danos: discursos de profissionais de enfermagem da atenção primária à saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 73, p. 1–9, ago. 2020. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/reben/a/WCkfm38LdpJzSwT6SS4PxVx/?lang=en>. Acesso em: 22 de junho de 2024. DOI:

<https://www.scielo.br/j/reben/a/WCkfm38LdpJzSwT6SS4PxVx/?lang=en>.

PERLS, F.; HEFFERLINE, R.; GOODMAN, P. **Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1997.

PIAUI. Da mamadeira de piroca ao banheiro unissex. **Revista Piauí**, São Paulo, 28 de outubro de 2022. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/eleicoes-2022/da-mamadeira-de-piroca-ao-banheiro-unissex/> Acesso em: 07 ago. 2023.

PRECIADO, P. B. **Transfeminismo**. N-1 edições. Série Pandemia, 2018.

PRECIADO, P. B. **Um apartamento em Urano**: crônicas da travessia. São Paulo: Zahar, 2020.

PRECIADO, P. B. **Testo junkie**: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

RAIVA. Intérprete: Família Lüdtké. Compositor: Daniel Lüdtké. In: Projeto Emoções [S.L.]: [independente], 2023. *Streaming*, 3m28s. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=HOGIMbBxCJM>. Acesso em 22 de junho de 2024.

REIS, E. **Justiça e Espírito de Vingança**: o que se quer quando se pede por justiça e o ressentimento do homem atual. Curitiba: Juruá Editora, 2015.

RIBAS, C. **Feminismos bastardos. Feminismos tardios. Abortar o Estado heteropatriarcal.** São Paulo: N-1 edições. Série Pandemia, 2019.

ROCHA, J. A.; SALES, D. W. M. Deleuze e Guattari: a noção de processos de subjetivação. **Revista digital de Filosofia**, p. 163–180, 2018.

ROCHA, J. M.; KASTRUP, V. Cognição e emoção na dinâmica da dobra afetiva. **Psicologia em Estudo**, v. 14, n. 2, p. 385–394, 2009.

RODRIGUES, A. E. M.; OAKIM, J. As reformas urbanas do Rio de Janeiro: uma história de contrastes. **Revista Arquivo Nacional (Rio de Janeiro)**, 2015.

ROLNIK, S. **A hora da micropolítica.** São Paulo: N-1 edições. Série Pandemia, 2016.

ROLNIK, S. **Esferas da insurreição:** notas para uma vida não cafetinada. 2 ed. São Paulo: N-1 Edições, 2019.

ROLNIK, S. Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. **Cadernos de Subjetividade**, 1(2), 241-251. 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/cadernossubjetividade/article/view/38134>. Acesso em 22 de junho de 2024.

SANTOS, J. L. A. dos. **Movimentos de uma “cidade-monumento”:** narrativas, escritas e andanças em São Cristóvão/Se. Monografia (Graduação em Psicologia) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2023.

SODOMA, U. **Nem “objeto” sou.** [S.l.]. 28 de março de 2023. Instagram: @uyrasodoma. Disponível em: https://www.instagram.com/uyrasodoma/p/CqWMzaKuPWt/?img_index=1. Acesso em 22 de junho de 2024.

SOLANO, R. **Organización de la higiene pública.** Bogotá: El Siglo, 1918.

SOUTO, S. Aquilombar-se: insurgências negras na gestão cultural contemporânea. **Revista Metamorfose**, v. 4, p.133-144, jun. 2020.

UOL. Ardem até os ossos: o que são as bombas ilegais de fósforo branco?. **UOL**, 2023.

Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2023/11/03/ardem-ate-os-ossos-o-que-sao-as-bombas-ilegais-de-fosforo-branco.htm>. Acesso em 22 de junho de 2024.

ZERO. Intérprete: Liniker e os Caramelows. Compositora: Liniker Barros. *In*: Cru. Vulkania, 2015. *Streaming*. 6m32s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=M4s3yTJCcmI>. Acesso em 22 de junho de 2024.